

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

LARISSA RODRIGUES ZACHARIAS

**IDEALIZAÇÃO E (DES)VALORIZAÇÃO DA  
PROFISSÃO DOCENTE NA VISÃO DE  
PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO**

SÃO CARLOS - SP  
2023

LARISSA RODRIGUES ZACHARIAS

**IDEALIZAÇÃO E (DES)VALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE NA VISÃO DE  
PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO**

Monografia apresentada ao  
Departamento de Metodologia de  
Ensino da Universidade Federal de São  
Carlos, para obtenção do título de  
licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Michel Pisa Carnio.

São Carlos - SP  
2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

Rodrigues Zacharias, Larissa

Idealização e (des)valorização da profissão docente na visão de professores do Ensino Público / Larissa Rodrigues Zacharias -- 2023.  
76f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Michel Pisa Carnio

Banca Examinadora: Mariana dos Santos, Elizandra Paulino dos Santos

Bibliografia

1. Educação. 2. Formação Docente. I. Rodrigues Zacharias, Larissa. II. Título.

ZACHARIAS, Larissa Rodrigues. **Idealização e (des)valorização da profissão docente na visão de professores do Ensino Público**. 2023. 76f. TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

**Folha de aprovação**

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Monografia da candidata Larissa Rodrigues Zacharias, realizada em 06/09/2023:

---

Prof. Dr. Michel Pisa Carnio  
Universidade Federal de São Carlos

---

Profa. Dra. Mariana dos Santos  
Universidade Federal de São Carlos

---

Profa. Me. Elizandra Paulino dos Santos  
Rede Estadual de Ensino de São Paulo

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa monografia a todos os professores que investem diariamente o seu tempo para realizar o seu trabalho e que, assim como eu, estão na luta para a construção de cidadãos cada vez mais politizados e engajados criticamente.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço aos meus amigos e familiares que acompanharam de perto a minha jornada na graduação, com todos os altos e baixos que enfrentei, com todas as tribulações, mas sempre sabendo lá no fundo que eu tinha pessoas que iriam me oferecer um ombro amigo para chorar e para abraçar, independente do que eu precisasse.

Quero agradecer especialmente aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e lutaram durante suas vidas para que eu pudesse adquirir uma educação de qualidade, e realizar o meu sonho de me tornar professora. Essa monografia também é dedicada a vocês. Mãe, pai: eu consegui!

Ao meu orientador Michel Pisa Carnio por todos os conselhos e orientações ao longo desse um ano de muito trabalho. Sem você, eu não saberia que caminho seguir com essa monografia, e você conseguiu me mostrar, em vários momentos, a luz no fim do túnel.

Também agradeço, em especial, à minha psicóloga por aguentar todos os meus choros e momentos de desmotivação, por me fazer entender quem eu realmente sou e o que realmente vale a pena para a minha vida, por me tirar do fundo do poço e por me ajudar a que eu saísse do fundo dele sozinha.

Em última instância, quero agradecer a mim mesma por ter a coragem, com a ajuda de todas as pessoas queridas por mim, de não desistir de concluir essa graduação. Meu sonho sempre foi me tornar professora, e agora que a jornada está chegando ao fim, consigo olhar para trás e perceber todos os caminhos que me trouxeram até aqui, e posso garantir que fiz a escolha certa. Obrigada por não desistir, Larissa do passado, e espero que possamos sempre crescer juntas, Larissa do futuro. O mundo é seu!

## EPÍGRAFE

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

- Paulo Freire, 1979.

## RESUMO

As idealizações são formas de exaltação de situações desconhecidas, formando impressões que muitas vezes não condizem com a realidade. No contexto da atuação docente, essas idealizações podem afetar direta ou indiretamente o trabalho do professor, causando então ainda mais a desvalorização da profissão docente, principalmente quando se romantizam essas situações idealizadas. Essas idealizações podem tanto ser impostas pelos próprios professores durante a graduação, como pela sociedade e pelo sistema. O objetivo desta monografia, então, se orienta na compreensão de elementos de idealização e (des)valorização da profissão docente na visão de professores do ensino público. Esta pesquisa tem cunho qualitativo, com o uso de entrevistas semi-estruturadas realizadas com os professores, utilizando análise de discurso para os dados. Os resultados obtidos das entrevistas demonstram que as idealizações apresentam um peso na própria carreira docente, principalmente com a desvalorização da educação e a visão desses docentes na sociedade. É necessário compreender os elementos de onde surgem essas idealizações e como as verdadeiras percepções da carreira docente podem ser transmitidas para a sociedade, impedindo assim a desvalorização docente.

**Palavras-chave:** formação docente; idealização; desvalorização; aparência e essência.

## **ABSTRACT**

Idealizations are forms of exaltation of unknown situations, forming impressions that often do not match reality. In the context of teaching performance, these idealizations can directly or indirectly affect the work of the teacher, causing even more devaluation of the teaching profession, especially when these idealized situations are romanticized. These idealizations can either be imposed by the teachers themselves during graduation, or by society and the system. The objective of this monograph, then, is oriented towards understanding elements of idealization and (devaluation) of the teaching profession in the view of public school teachers. This research is qualitative in nature, using semi-structured interviews conducted with teachers, using discourse analysis for the data. The results obtained from the interviews show that the idealizations present a weight in the teaching career itself, especially with the devaluation of education and the vision of these teachers in society. It is necessary to understand the elements from which these idealizations arise and how the true perceptions of the teaching career can be transmitted to society, thus preventing teacher devaluation.

**Keyword:** teacher training; idealization; devaluation; appearance and essence.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Fala dos entrevistados a partir do que eles trouxeram sobre idealização da educação e profissão docente. Categoria de “Idealização”. .....	54
Tabela 2 - Fala dos entrevistados a partir do que eles trouxeram sobre a quebra de idealização/expectativa. Categoria “Quebra de idealização/expectativa”. .....	57
Tabela 3 - Fala dos entrevistados sobre a importância/interferência do estágio para a atuação docente. Categoria “Importância/interferência do estágio para a docência”. .....	60
Tabela 4 - Fala dos entrevistados sobre a sobrecarga que sentem na atuação docente. Categoria “Sobrecarga do Professor”. .....	62
Tabela 5 - Fala dos entrevistados sobre a sua contínua formação docente após se tornar professor. Categoria “Contínua Formação Docente”. .....	64
Tabela 6 - Fala dos entrevistados sobre a desvalorização docente. Categoria “Desvalorização Docente”. .....	65
Tabela 7 - Fala dos entrevistados sobre a infraestrutura e suporte que encontram (ou não) no dia-a-dia das escolas. Categoria “Infraestrutura e Suporte”. .....	71
Tabela 8 - Fala dos entrevistados sobre a romantização que encontram do trabalho docente e da educação. Categoria “Romantização”. .....	74

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>16</b>
A profissão docente no contexto neoliberal.	16
As idealizações dos professores sobre a própria docência.	19
A sociedade e a profissão docente.	24
A influência do Sistema na atuação docente.	25
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>27</b>
<b>4 ANÁLISES E RESULTADOS</b>	<b>31</b>
Expectativas e idealizações dos docentes.	31
Visões romantizadas da docência: sociedade e sistema.	40
Tempo de experiência docente e atuação nas desconstruções.	42
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE A - Perguntas da Entrevista Semi-Estruturada</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>	<b>52</b>
<b>APÊNDICE C - Tabelas de Categorias das Entrevistas</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A implementação de uma escola pública no Brasil ocorreu na década de 1930, e seu objetivo era o desenvolvimento socioeconômico do país (BITTAR e BITTAR, 2012), ou seja, havia um viés econômico para a implementação de um ensino para “todos” e que fosse garantido por lei, pois neste período histórico do Brasil havia o início da expansão da industrialização, com uma mão de obra que fosse qualificada para tal cenário. Anteriormente a essas políticas de educação pública, o acesso ao ensino era restrito às classes altas do país, e a docência nesse contexto não era vista como uma profissão principal de remuneração, pois apenas algumas pessoas podiam pagar professores para ensinar seus filhos (DAMASCENA, 2019). Com essa visão estabelecida, mesmo após a reforma da educação para um ensino público, o professor ainda não era visto dentro do escopo da "profissão" tradicional.

Essa falta de prestígio da docência agrega um histórico que apresenta raízes desde a Grécia Antiga. De acordo com Gomes (2014), o ensino era realizado por escravos e soldados, e nessa perspectiva ser um educador não se mostrava de grande importância e valorização. A autora ainda afirma que as dificuldades enfrentadas pelos professores são condizentes com o período histórico e político de cada época, principalmente pelo fato de ser a escola um ambiente de reprodução da sociedade.

Mesmo que sejam condizentes com as mudanças das épocas, dificuldades encontradas há muitos anos, como na pesquisa realizada por Feldens, Ott e Moraes (1983, apud GOMES, 2014) ainda parecem se perpetuar na história da educação, como a dificuldade de realizar uma aula com alunos que não prestam atenção e não tem interesse na matéria, ou que não foram preparados adequadamente nos anos anteriores da escola.

Nesse processo histórico da docência, é importante que se ressalte a formação então desses profissionais para atender as demandas exigidas pela sociedade nos seus períodos e para além dela, de atender aos princípios de uma educação que seja transformadora. De acordo com Freire (1996), o papel do professor não se estabelece na transmissão de conhecimentos, mas em conjunto com o educando formular o saber construindo e reconstruindo o mesmo para a

formação de pensamentos críticos e “certos”, sendo assim o professor um instigador persistente no ensino-aprendizagem dos estudantes.

Entretanto, mesmo que na formação docente se pesquise e aprenda metodologias e concepções de uma educação emancipatória, o professor depois de formado encara na sala de aula situações precárias que se relacionam com as burocracias instituídas pelo sistema, e muitas vezes na própria imposição da instituição escolar para métodos de ensino mais tradicionais (VILLANI, FREITAS e BRASILIS, 2009).

Por essas situações ainda serem muito recorrentes, é possível perceber, então, que há negligência do Estado pelas condições de trabalho dos professores e da própria educação durante décadas, e que a perspectiva de mudar essas condições se mostram muito distantes e inexistentes.

O interesse de manter as condições de trabalho precarizadas e com o mínimo de atenção pode se relacionar com o interesse do Estado de manter um controle social e intelectual da população, como aponta Cruz e De Freitas (2011) a partir das análises de Michel Foucault sobre o fenômeno de sociedades disciplinares, em que se mantém uma conformação de pensamentos acríticos, a partir do uso da disciplina, para que não ocorra questionamentos das próprias condições sociais em que vivem, e também para formar uma mão de obra barata e dócil perante o Estado.

A idealização se mostra como a formação de imagens construídas a partir de experiências e por um processo de socialização que variam para cada indivíduo, sendo muitas vezes pré-concebidas antes do contato com a realidade (TARDIF, 2012). Para Nóvoa (1992), a formação docente se constrói com o entendimento das identidades pessoais dos professores e a percepção do “eu” no papel do ensino-aprendizagem, trazendo suas crenças, sensibilidades, idealizações, etc, e que as mesmas podem ser (re)construídas nesse processo de identidade “professor” e “pessoal”.

Nesse contexto da idealização, os professores em formação muitas vezes idealizam as situações em sala de aula e como será sua profissão, sem ter o contato necessário prévio para entender os aspectos precários e reais das condições da docência, o que acaba gerando quebra de expectativas e muitas vezes desânimo pelos novos professores. Essas idealizações são geradas não só pelos próprios docentes, mas pela sociedade ao impor uma realidade que ela

acredita que seja do ser professor, e principalmente pelo próprio sistema ao esperar resultados da educação que não condizem com as necessidades dos estudantes, e que não abarcam o ensino transformador, romantizando a maioria das situações que são precárias ao trabalho do professor.

Nesta pesquisa, a docência será estudada como um trabalho no seu aspecto essencial, uma vez que esses estudos são negligenciados pois se acredita que a escola é apenas um âmbito de estudos do currículo, das interações entre os indivíduos, das disciplinas, e se esquece que o professor atua dependendo de recursos materiais e simbólicos, e cumprindo tarefas e obrigações, e que também sofre com condições precarizadas do seu trabalho (TARDIF e LESSARD, 2013).

Paulo Freire (1996) expressa no seu livro *Pedagogia da Autonomia* a importância da reflexão do trabalho docente, ao falar: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo.”

Refletir sobre o que a docência significa e como ela age ou/e deve agir é essencial para se entender suas aplicações sociais e principalmente como ela está sendo afetada pela própria sociedade. Desta forma, é preciso compreender por quais motivos a docência é importante e qual seu papel, e como ele foi construído na história, para se chegar até os viés que encontra-se hoje, ou seja, a docência vista como um não-trabalho e como passiva de condições precarizadas, e que estas são romantizadas pela comunidade.

E todas essas reflexões se fazem importantes pois o docente é um dos agentes da educação, em que se encontra no dever, em conjunto do aluno, na formação do ensino-aprendizagem inerente a todos os cidadãos, sendo então um mediador e trabalhador social na construção de uma sociedade mais igualitária (BULGRAEN, 2010).

A própria questão a respeito do trabalho docente é de interesse pessoal para minhas pesquisas pois, ser professor/a no Brasil é uma tarefa exaustiva e que não recebe a devida valorização, e dessa forma, poder compartilhar ainda mais sobre a importância da docência, e principalmente sobre a identificação dessas ideologias como forma de mostrar que elas não caracterizam o ato de ensinar, é muito importante, ser capaz de gerar essa visibilidade e esse debate. O estudo da docência para minha formação é de extrema importância para que eu identifique as problemáticas a esse respeito, e não só me prepare mas também me instigue a

buscar a minha melhor versão como professora, conhecendo as ideologias romantizadas que existem e tentando vencê-las.

O objetivo geral desta monografia se concentra em compreender elementos de idealização e (des)valorização da profissão docente na visão de professores do ensino público. Os objetos específicos se baseiam em conhecer as expectativas e idealizações dos docentes a respeito da sua própria atuação e da docência; analisar as visões romantizadas sobre a docência provenientes da sociedade e do sistema educacional e compreender como o tempo de experiência docente pode influenciar na (des)construção destas expectativas e romantizações.

A pergunta de pesquisa deste trabalho se orienta, então, em como as idealizações e o olhar romantizado sobre a profissão docente afeta a atuação dos professores no seu trabalho?

A possível hipótese para essa pergunta é que as percepções idealizadas e romantizadas a respeito da docência afetam o trabalho dos professores, tanto pela quebra de expectativas, que causam desânimo, como pela falta de melhorias na educação, pela precarização institucionalizada, que faz com que o professor tenha que trabalhar em condições insalubres e encarar aquilo como algo normal e de senso comum, em que o sistema e a sociedade não aceitam o ser professor como uma profissão, e sim como um dom, e que nessas condições pode encarar qualquer dificuldade, apenas pelo amor à profissão.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### **A profissão docente no contexto neoliberal.**

Além do controle e da existência de sociedades disciplinares, e com o desenvolvimento da industrialização, novos mecanismos econômicos e sociais foram sendo introduzidos na sociedade. O capitalismo, com a industrialização, se mostrou ainda mais forte e deu abertura para a introdução de ideais liberais de economia e sociedade.

De acordo com Merquior (2016), o liberalismo surgiu no século XVI na Inglaterra como oposição ao governo monárquico e autoritário de Jaime II e contra abusos de um governo estatal que não garantia liberdades para o povo, estas sociais e econômicas, principalmente.

O autor afirma, a partir das visões de um pensador antiliberal Carl Schmitt (1928), que:

[...] a constituição liberal revela dois princípios mais importantes: o princípio distributivo significa que a esfera de liberdade individual é em princípio ilimitada enquanto a capacidade que assiste ao governo de intervir nessa esfera é em princípio limitada. Em outras palavras, tudo o que não for proibido pela lei é permitido; dessa forma o ônus da justificação cabe à intervenção estatal e não à ação individual. (MERQUIOR, 2016).

Estes princípios liberais são infligidos para que limite-se o poder do Estado ao dividir a autoridade, não mantendo mais a mesma nas mãos de um único poder. Entretanto, ao delegar poder a um âmbito privado, esse poder não estava nas mãos de todos os cidadãos como se acreditava pela liberdade instituída, mas sim era restrito à cidadãos prósperos (MERQUIOR, 2016).

O liberalismo clássico abarcava pelos direitos dos cidadãos em um conteúdo político democrático que dava certa liberdade a essas decisões, mas quem decidia ainda eram esses cidadãos prósperos com mais influência. Com o decorrer da história e as crises econômicas e políticas que surgiram no mundo moderno pós-liberalismo, foi aparecendo ideais que visavam o pressuposto de uma economia auto-regulável pelas instituições privadas sem a interferência do Estado (MARRACH, 1996).

Esse neoliberalismo se tornou vigente com a hegemonia dos Estados Unidos no planeta, e de acordo com Marrach (1996), partiu do pressuposto de que os cidadãos eram meros consumidores, e que deveriam se instruir a partir dessa ideia,

garantindo assim o reforço da existência das grandes organizações privadas, e a influência das mesmas sobre o estado e a sociedade.

Desta forma, as constituições liberais de sociedade foram expandidas e assimiladas para se utilizar em um governo que influenciasse o mínimo possível nas decisões (o famoso “Estado Mínimo”), principalmente econômicas. E nessas percepções, como as pessoas deveriam agir e que tipo de educação deveriam receber foi modificada para se encaixar em um estado de livre comércio, e que rendesse lucros para as iniciativas privadas, na sua maioria, uma vez que o Estado influenciava menos. Essas influências repercutiram na educação ao se estabelecerem como padrão de como o indivíduo deveria se orientar, já que esta sociedade liberal era vigente na sociedade capitalista.

Assim como afirma Marcos Nobre (2003), para entender o mundo capitalista precisa entender onde está o centro dessa ideologia, o autor elucida que “o centro do mercado capitalista é a mercadoria”, sendo assim o centro da nossa sociedade atual, em que as percepções de mundo giram em torno dessa mercadoria, e principalmente da venda da força de trabalho pelos indivíduos da classe baixa, o que mantém esse capitalismo vigente na sociedade.

Uma ampla mudança aconteceu não só nos aspectos econômicos, mas também nos aspectos sociais e na própria educação com o neoliberalismo. Esses ideais movimentaram mudanças em que o foco agora se estabelecia em trabalhar muito para gerar o máximo de lucro, mas com o menor gasto possível, ou no caso da educação, com o menor investimento possível, enxugando os orçamentos de forma substancial para que a educação devolvesse um maior investimento rentável possível (TARDIF e LESSARD, 2013). A falta de recursos para a educação e para uma boa condição de trabalho do professor está relacionada com o capitalismo e as políticas neoliberais (DA SILVA MOURA et al, 2019).

Uma vez que a escola se adapta a mudanças sociais no decorrer da história, ela também transmite os princípios doutrinários de uma cultura capitalista que visa o preparo para o mercado de trabalho e para uma mão de obra adepta a este (MARRACH, 1996). Mas é apenas para estas vertentes que a educação se baseia, e o professor se vê preso em uma situação em que os ideais de transformar as pessoas para que elas transformem o mundo, assim como Paulo Freire afirma, se vê perdido em um ambiente em que as instituições de poder não querem que essas percepções de mudança sejam disseminadas.

De acordo com Tardif e Lessard (2013), a escola passou a reproduzir nas suas formulações padrões de trabalho que são tirados de modelos militares e industriais, e isso afeta alunos e professores no modo como seu trabalho funciona, com demandas, metas e objetivos impessoais e que são fixados por leis e burocracias padronizadas. Ainda de acordo com esses autores:

Em suma, pode-se dizer que a escola e o ensino têm sido historicamente invadidos e continuam ainda a sê-lo, por modelos de gestão e de execução do trabalho oriundos diretamente do contexto industrial e de outras organizações econômicas hegemônicas (TARDIF e LESSARD, 2013).

É possível perceber que ser professor muitas vezes não é considerada como profissão completa ou eficaz, em que Enguita (1991, apud DAMASCENA, 2019) afirma que a legislação elucida que o ensino não se faz exclusivamente pelos professores, podendo apresentar uma certa liberdade para o ensino informal. Além desse fator, o autor ainda ressalta que a docência é um parâmetro em que qualquer pessoa pode opinar sobre, sendo então julgado tanto pelos profissionais no meio como por pessoas alheias à profissão, o que pode gerar visões deturpadas e muitas vezes idealizadas do que se deveria ser a docência.

Mas isso é estabelecido no que se imagina que seja a profissão em um sentido clássico, dentro de um sistema neoliberal. Entender a docência como profissão na forma clássica é que não é algo que o capital consegue controlar de forma completa, pois não gera mais valia (não gera lucro imediato) e também não consegue perder totalmente sua autonomia, pois seu trabalho é direto com seres humanos e depende de adaptações feitas para se encaixar nas pluralidades humanas, já que o produto do professor é imaterial, e gera um processo de humanização (DAMASCENA, 2019).

Ainda de acordo com Damascena (2019), existem figuras sociais que se esperam certas determinações, que se faça o bem com eficiência, e outras que apresentem um bom caráter, com comportamentos devidos que são determinados pelo aspecto cultural e que sejam competentes. Uma dessas figuras se enquadra no professor, e por assim pensar pode se imaginar, então, que seria esperado melhores condições neste trabalho, pois se demanda eficiência e competência. Mas o que se encontra é uma contradição crescente, pois ao mesmo tempo que se cobra

esses valores dos professores, se demoniza seu trabalho, e se desvaloriza suas ações.

O professor tem como objeto de trabalho outro ser humano e cidadão, e por ser um trabalho com o outro e que não gera produtos imediatos para o capital, a docência é vista como periférica e secundária aos outros trabalhos que visam essas questões liberais e capitalistas. O investimento então ali inserido na educação se torna mínimo, e essa situação gera precarização, em que há poucas ferramentas para se realizar o trabalho de forma eficiente.

Ao se constatar essa precarização, também é possível perceber como essa situação está enraizada na cultura brasileira da educação, uma vez que essa é a realidade durante muitos anos. Se encontra tão incrustada que em muitos momentos essas situações de precarização são romantizadas, usadas com a desculpa de que se o docente consegue “se virar” com o que tem, então ele não precisa do investimento. Essas situações são idealizadas e ainda levadas como exemplos de bom trabalho para a comunidade.

Muitas dessas precarizações se tornaram ainda mais evidentes com a pandemia e o ensino remoto, em que, apesar das propostas do governo, houve pouco investimento para o auxílio de materiais tanto para os alunos como professores, e muitos docentes precisaram encontrar alternativas de ensino sem o recurso necessário, ou tirando do próprio salário, que não condiz com as horas trabalhadas, para comprar esse material (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020).

### **As idealizações dos professores sobre a própria docência.**

Os motivos para se escolher seguir e atuar na profissão docente são vários, e podem se estabelecer desde uma opção segura e garantida de emprego, até o desejo criado por muitos anos de ser professor e gostar de ensinar, com o desejo último de querer mudar o mundo pela educação. Em todos esses casos, é criado expectativas e idealizações sobre como será esse trabalho, e principalmente como será a atuação profissional dentro das salas de aulas, com as interações dos alunos, da coordenação e da comunidade.

As idealizações formadas pelos professores são concretizadas desde a graduação, quando existe o desejo de se tornar professor e de conseguir atuar em

uma ideologia de que é capaz de mudar o mundo pela educação (GOMES, 2014), e que dessa forma as experiências serão na maioria positivas.

Um termo proposto por Reis, Silva e Meirelles (2021), a partir das análises de Marx e Engels, se estabelece na questão da “essência e aparência”. De acordo com esses autores, a aparência das coisas consegue determinar algumas pistas de como o mundo ao nosso redor é, mas que não esconde muito do que as coisas realmente são, sendo a aparência então muitas vezes enganadora. A essência das coisas, a partir dessa visão então, se estabelece no que o mundo realmente é, sem enganações, e principalmente, sem idealizações. Ao se concentrar apenas na aparência do mundo ao redor, somos enganados e levados a uma deturpação da essência das coisas, e se perde nesse meio tempo a verdade sobre a natureza e o que o pesquisador busca trabalhar (REIS, SILVA e MEIRELLES, 2021).

Nesta visão, ao pensarmos no tema desta pesquisa, as idealizações do trabalho docente seriam a aparência do que acreditamos que seja a docência, a partir do desconhecido, por não entendermos a essência do ser professor. E ao não entender esses pressupostos, se imagina que as situações possam ser muito mais leves e tranquilas do que realmente são, gerando um parâmetro de utopia para aqueles professores em formação.

Essa idealização do desconhecido, como Gomes (2014) afirma em seu texto, leva à uma quebra de expectativas quando se encara a realidade. E esse choque acontece pois há uma distância entre o real e o idealizado, e quando se percebe que há mais dificuldades no trabalho docente, como a falta de materiais didáticos, a falta de interação com os alunos e com a coordenação e outros professores, acaba sendo uma quebra de expectativas alarmantes (HUBERMAN et al, 1992), o que pode levar a uma sensação de desânimo, e muitas vezes, o pensamento de desistir da carreira escolhida.

A quebra dessas expectativas seria o contato com a realidade e com a essência do mundo, ao analisar então que a aparência e essência das coisas são fundamentais para se entender de forma completa como o mundo funciona, e principalmente evitar as falsas expectativas (REIS, SILVA e MEIRELLES, 2021).

O que sobra dessa quebra de expectativas é a esperança de que ocorra situações positivas para que o desânimo não se sobressaia de vez sobre as dificuldades, como se apegar a elogios esporádicos de alunos, ou ao resultado da aprendizagem de alguma atividade desenvolvida. Huberman et al (1992) caracteriza

esse aspecto das situações positivas como a descoberta, em que existe um entusiasmo inicial de se estar em um ambiente que reflete responsabilidades e pertencimento, por estar em um corpo profissional, no caso o docente. São essas visões da descoberta que ajudam a aguentar as frustrações e quebra de expectativas da docência ao se confrontar com a realidade, atuando assim em um certo contraponto.

As desilusões são percebidas quando os professores se deparam com a precarização do seu trabalho ao entrar na sala de aula. Essas precarizações não se limitam apenas ao momento da chegada do novo professor na sala de aula, mas antes mesmo de se iniciar seu trabalho docente. Há vários níveis de precarização docente que são romantizados na sua totalidade quando encaramos que o trabalho de professor se faz por amor. Ao romantizar as situações de precarização, estamos reconhecendo a essência das situações mas ignorando as suas reais implicações para amenizar os resultados, ao confundi-las com a aparência do que poderia ser, e a utopia do que espera que seja.

Alguns níveis da precarização docente são apresentados por Sampaio e Marin (2004) ao analisarem a realidade dos professores no Ensino Público. De acordo com as autoras, desde o início da formação docente o professor encara uma situação de preparação precária ou insuficiente, que se reflete depois na sua atuação docente em sala de aula, não se sentindo preparados para apresentar as aulas, fazer planos de aula, montar sequências de aulas e atividades, etc.

O que esses docentes recebem na graduação não abarca as realidades da escola, e não os prepara para as necessidades dos alunos. Muitos ainda afirmam que há dificuldades em lembrar as matérias que precisam aplicar, e em elaborar metodologias que sejam suficientes para satisfazer os objetivos da aprendizagem.

As autoras também elucidam uma das grandes problemáticas e dificuldades que os professores encontram no seu trabalho, que é a remuneração. O salário recebido não se mostra suficiente para as demandas excessivas dos professores nas escolas. O que muitas vezes não se percebe pela comunidade é que essas demandas vão além do que só o tempo gasto em sala de aula.

Muito do trabalho do professor é feito fora da escola, com o planejamento de aulas, montagem e correção de exercícios e provas, organização de diários, etc. E o que ocorre é que essas horas não são contabilizadas na folha de pagamento, mas

são demandas exigidas pelas instituições de ensino e que devem ocorrer para que o trabalho do professor seja efetivo.

Esse desamparo se tornou ainda mais perceptível no período da pandemia e do ensino remoto, a partir de 2020, com as horas empregadas pelos professores sendo excessivas, em que os mesmos precisavam estar disponível para os alunos, pais e coordenação escolar quase 24 horas por dia, por meio das redes sociais, e não ganharam um aumento por essas horas, e muito menos equipamentos suficiente para realizar seu trabalho de forma remota, tendo que tirar do próprio bolso para suprir essa necessidade, além de gerar um exaustão, com sintomas de esgotamento físico e psicológico (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020).

Quando se compara as escolas públicas e particulares, em muitos casos os salários são os mesmos nos dois âmbitos de ensino, e até menor nas escolas particulares, e isso evidencia, de acordo com Sampaio e Marin (2004), que existe uma cultura de desmerecimento da profissão docente que não se restringe apenas ao ambiente público de ensino, mas em quase todos os aspectos da educação. O salário no âmbito docente é um dos fatores desmotivadores da profissão.

O professor assume dentro da sala de aula o papel para além daquele que foi ensinado: tem que ser psicólogo, assistente social, enfermeiro, etc., realizando trabalhos que ele não tem qualificação para isso (DA SILVA MOURA et al, 2019). É importante que esse contato mais próximo entre aluno e professor exista, mas o fato das escolas muitas vezes agirem como se esses papéis fossem obrigação exclusiva do professor acaba gerando ainda mais precarização da profissão, além da ideia de que o professor consegue lidar com tudo, sem entender que muitas vezes são esses profissionais que depois vão buscar auxílio psicológico, desenvolvendo depressão, ansiedade, desenvolvimento de outros transtornos, etc.

Outros fatores que geram precarização no trabalho docente são as condições precárias de infraestrutura da escola, com a falta de materiais didáticos e de recursos básicos para o ensino, em que em muitas salas de aula das escolas públicas faltam carteiras, mesas e materiais para alunos e professores, sem contar na depredação que acontece nesses ambientes em muitos casos.

Isso está também relacionado com o grande número de alunos por turma, que dificulta o trabalho do professor no ensino-aprendizagem, faltando a devida atenção que cada aluno deveria receber, e gerando também tumultos e uma

dificuldade em controlar uma sala com mais de 40 alunos, por exemplo (SAMPAIO e MARIN, 2004).

Com todas essas condições, o docente se vê tendo que trabalhar com aquilo que lhe foi dado e tirando proveito das situações mais precarizadas possíveis. Por esse motivo, o trabalho do professor é muitas vezes romantizado, sendo aplicado o discurso de superação e servindo como exemplo de bom desempenho quando o docente exerce seu trabalho nessas condições precarizadas.

A verdade é que o professor apenas está fazendo aquilo que pode nas condições em que se encontra, e que essa visão romantizada não cabe na seriedade do trabalho que o professor exerce, e muito menos deveria existir, uma vez que a precarização é apenas um sinal da falta da valorização da docência (FELIX et al, 2020).

Nesse contexto, é de interesse que seja avaliado então qual seria o papel do professor na sua atuação docente, e como a sociedade e o sistema encaram esse papel. Contreras (2002, apud DOS SANTOS, 2022) diferencia modelos de professores e suas características de acordo com tradições e especificidades. O autor denota que esses modelos podem ser de professores especialistas técnicos, reflexivos e intelectuais críticos, em que no último modelo se estabelece na visão final de uma autonomia profissional docente emancipatória.

O professor especialista técnico se assemelha com as diretrizes de uma educação neoliberal, e que o Estado se interessaria, em que o enfrentamento de problemas se estabelece no uso de técnicas e conhecimentos teóricos desenvolvidos com uma racionalidade instrumental, gerando um controle das variáveis. Todas essas características levam a uma repressão da espontaneidade e criatividade, fazendo com que este professor não consiga lidar com situações sociais ou morais demandadas pelos alunos.

O docente reflexivo percebe que só a técnica não é capaz de sanar as necessidades dos alunos, que são estas de natureza para além do ensino-aprendizagem. Há uma abertura maior nesse caso para a reflexão e a inserção de debates de questões sociais, com uma autonomia com mais flexibilidades e de juízo individual.

O último modelo de professor, o intelectual crítico, de acordo com o autor, "ocupa-se de um contexto formativo a se alcançar, uma agenda de luta". A atuação desses profissionais se encontra em um processo de emancipação, em uma

transformação que envolve a educação e a sociedade, como uma forma em que não é possível separar essas duas visões. O professor atua, então, com o intuito de libertação de opressões e das ideologias da sociedade que garantem a permanência das desigualdades.

É possível perceber que há vários papéis que o professor pode atuar, com intencionalidades diferentes do que se espera que a educação tenha como finalidade. Em uma idealização de permanência dos ideais neoliberais, o papel do professor como mediador e atuante na formação de uma educação emancipatória não é visto como essencial, e até é prejudicial para a manutenção de classes e instituições no poder, prejudicando a maioria da população, mantendo-as à margem da sociedade, o que é um dos principais pressupostos da sociedade capitalista: a manutenção dessa desigualdade (NOBRE, 2003).

### **A sociedade e a profissão docente.**

Há uma crença difundida na sociedade e mesmo dentro do círculo dos professores de que realizar o trabalho docente apenas por amor, e não se preocupar em ser remunerado adequadamente, é algo comum. Que é normal um professor aceitar essas condições pois seu trabalho não é uma profissão no *ethos* profissional, e quem escolhesse ser professor era uma pessoa passiva e amorosa (DAMASCENA, 2019).

A parcela da sociedade que é orientada pelos professores são crianças e adolescentes em sua maioria, principalmente no Ensino Básico, e junto com essa premissa, durante a história da educação no Brasil, o ensino era recebido dentro do contexto familiar e apresentava aspectos religiosos em muitos casos. Damascena (2019) expõe que a docência foi identificada com esse aspecto de cuidados maternos, e nessa perspectiva, como algo que se faz por amor e por um chamado divino, ou seja, um dom.

Por essa perspectiva, não é reconhecido todos os anos de estudo que é realizado para que se tenha o preparo mínimo para encarar uma sala de aula. E visto como dom, o trabalho perde a característica principal de profissão e se torna apenas uma visão idealizada de que, se escolhe ser professor, então, é preciso encarar qualquer dificuldade e precarização, pois é possível passar por tudo isso pelo simples fato de se ter “amor pela educação”, e dessa forma, por amor pode ser encarado qualquer dificuldade. Há uma diferença entre realizar um trabalho por

amor e com amor, visto que o ensino e sua formação apresentam responsabilidades não só do professor, mas da família e do Estado também (FELIX et al, 2020).

Essa visão romantizada do trabalho docente pela sociedade é um dos fatores que mais prejudicam os profissionais da educação, pois não há motivação pela comunidade para que as condições do trabalho docente melhorem, e para que os professores tenham seu trabalho reconhecido com um salário condizente com suas horas de trabalho, e com a garantia material e psicológica de que a profissão será realizada da melhor forma possível.

E a sociedade encara essas situações como agradáveis e incentivam a reprodução, mas sem a percepção de que são consequências de uma precarização que vem ocorrendo desde o início do Ensino Público no país. O ensino pela sociedade é visto como algo contraditório - como um dom e com uma visão de um trabalho lindo, que é o ensinar à outra pessoa; e como um trabalho mal visto e precarizado, que gera receio quando alguém fala que deseja ser professor, sendo este indivíduo alertado de que passará dificuldades tanto financeiras como psicológicas.

### **A influência do Sistema na atuação docente.**

Desde a implementação da escola e da educação como Ensino Público e de cuidado do Estado, a escola reproduz os valores e ideais nacionais que são instituídos pelo governo. De acordo com Gomes (2014), a autora afirma que os professores são responsáveis tanto pela transmissão das normas culturais estabelecidas por esse Estado, como por deter os meios necessários para se formar a ascensão social, sendo agentes ativos dessa reprodução.

O que o Estado e a sociedade estão inferindo na educação é o reflexo, então, dos agentes que estão no poder atualmente, em que grupos empresariais e agências econômicas, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), interferem nos rumos da educação para que seja disseminado seus interesses econômicos, em uma visão positivista, com o uso por exemplo de avaliações em larga escala e rankings da educação, causando uma visão deturpada de que quanto melhor a escola se encaixar nos parâmetros neoliberais de sociedade, melhor ela será recompensada, principalmente financeiramente (SHIROMA e EVANGELISTA, 2015).

De acordo com Shiroma e Evangelista (2015), os reformadores neoliberais argumentam que a educação precisa se enquadrar com as demandas do século XXI, que seriam a formação de cidadãos com uma visão empreendedora e competitiva. Como a escola se estabelece como reprodutora dos aspectos sociais, a educação perpetua os domínios capitalistas e difunde essa visão aos discentes (MÉSZÁROS, 2005).

Em um sistema estruturado de educação que visa então perpetuar esses ideais neoliberais de sociedade, é de interesse que se mantenha a educação em padrões básicos de infraestrutura física e intelectual, para assim construir uma população que sirva aos benefícios da classe dominante, sem pensar em mudar a sua própria realidade.

Como elucida Darcy Ribeiro, “a crise da educação não é uma crise, é um projeto”. Um projeto pensado para se manter situações precarizadas para controle da população e manutenção da classe dominante no seu lugar de privilégios e da desigualdade social, mantendo a maioria da população subjugada, sem acesso a uma educação de qualidade que seja emancipadora (RIBEIRO, 1979).

E esse projeto é ainda mais reforçado quando se existe uma cultura de idealizar essas situações precárias e entendê-las como normais e que não podem ser mudadas, criando nos docentes e até mesmo nos alunos uma sensação de incapacidade, desânimo e desvalorização.

Essas conjecturas neoliberais podem ser analisadas, de acordo com Dos Santos (2022), como “políticas de descredibilização da profissão” em um esforço de tentar refrear o papel crítico, político e social da docência, onde os próprios materiais didáticos e normas (como a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Paulista) sejam a única fonte de ensino-aprendizagem, tendo uma obrigação em utilizar apenas esses materiais criados por um sistema neoliberal, para que a autonomia do professor seja reduzida.

Os conhecimentos registrados nos materiais didáticos (e agora postulados no Novo Ensino Médio) são montados e realizados por especialistas, que geram uma maior racionalização dos conteúdos e principalmente com o foco para a formação profissional dos estudantes (DOS SANTOS, 2022), e esses materiais não são montados com a ajuda dos professores em exercício nas escolas, o que acaba gerando uma falta de proximidade entre a realidade dos alunos e os conteúdos ali abordados.

Com todas essas precarizações e idealizações vigentes da educação nesta sociedade capitalista, é interessante pensar o motivo de se estabelecer e manter essas aparências sem a percepção da essência do mundo. De acordo com Marcos Nobre (2003), a partir das visões de Marx e da Teoria Crítica sobre o sistema capitalista, existe uma estrutura da sociedade que se baseia em uma “ilusão socialmente necessária”, em que aparências e idealizações são expostas e prometidas para as pessoas mas acabam não sendo cumpridas, com o exemplo clássico da liberdade em um sistema capitalista. É prometido uma liberdade e igualdade uma vez que se faça parte do mercado, mas ao mesmo tempo as desigualdades sociais são cada vez mais aprofundadas.

Essa ilusão necessária para essa sociedade é o que mantém o próprio funcionamento da mesma, a perspectiva de mudanças e melhorias que nunca se realizam. Ao analisar no contexto da educação, essas ilusões acabam se estabelecendo nas idealizações do trabalho docente e principalmente na romantização do mesmo, em que manter essas condições são necessárias para que se mantenha a sociedade como ela é, perpetuando desigualdades e criando indivíduos que não apresentam criticidade, mantendo assim uma educação que não é emancipatória, e que pode ser moldada para os fins capitalistas do sistema.

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada neste projeto consta de um método qualitativo. A pesquisa qualitativa apresenta um caráter de interpretação subjetiva ao analisar os dados coletados, com um fator exploratório, descrevendo detalhadamente estes dados para determinar as causas dos eventos que são pesquisados e suas relações com os grupos e comportamentos (ROSA, 2013).

Desta maneira, para entender as relações entre as idealizações e como estas afetam o trabalho docente, uma pesquisa qualitativa se organiza melhor ao interpretar esses dados subjetivos que podem não ser mensuráveis, mas que ajudam a descrever um modelo e um padrão de comportamento da sociedade sobre os professores.

Em uma pesquisa de origem qualitativa, como aponta Rosa (2013), é privilegiado a qualidade das observações, com uma análise mais profunda de

poucos dados coletados, como neste trabalho, em que a pesquisa foi orientada em poucos professores do Ensino Básico, mas com uma análise profunda das suas percepções.

O critério de escolha destes profissionais se orienta no tempo de experiência docente, divididos em três categorias, com um participante para cada: professores com 1 a 3 anos na docência, com 4 a 10 anos e com mais de 10 anos.

Foi utilizado para a pesquisa entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados, realizadas com estes três professores da Educação Básica do Estado de São Paulo, de qualquer área do conhecimento. Para que seja possível realizar o objetivo da pesquisa, de entender as idealizações do trabalho docente pelos professores, esses educadores foram contatados para realizarem as entrevistas, a partir do contato prévio da pesquisadora com professores conhecidos ou que estavam disponíveis para as entrevistas, atendendo ao critério de escolha.

A participação dos professores foi voluntária e foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) para os participantes assinarem.

Para que esses dados sejam coletados, e que essas percepções subjetivas fossem compreendidas na sua potencialidade, a entrevista semi-estruturada é a mais apropriada para essa pesquisa, principalmente por ser uma pesquisa que opera de forma direta com pessoas, permitindo então a maior liberdade das suas opiniões, sentimentos e individualidades.

As entrevistas semi-estruturadas contam com 11 perguntas (APÊNDICE A) divididas em temas de acordo com os objetivos da pesquisa, estabelecendo então questões relacionadas com as expectativas iniciais dos docentes e a quebra das mesmas após o começo da atuação; com a precarização do trabalho e de como afeta a valorização da docência; as opiniões a respeito de como o sistema atuava nas ideologias sobre o trabalho docente e as percepções da sociedade sobre os professores e sua profissão.

Na entrevista semi-estruturada, o entrevistador segue um modelo previamente estipulado de perguntas que normalmente são abertas, sendo então possível obter do entrevistado respostas que são mais amplas e com a possibilidade da presença de sentimentos e opiniões, com um caráter mais flexível (BELEI, 2008).

Para a análise dos dados coletados após as entrevistas realizadas com os professores de Educação Básica do Estado de São Paulo, foi utilizado o método de Análise de Discurso. Neste tipo de análise, é observado para além dos enunciados

emitidos por um sujeito sobre um tema (que é o próprio discurso), mas analisa as interferências sociais e ideológicas que aquele discurso apresenta no contexto em que aquele indivíduo se insere (ROSA, 2013).

Esses pressupostos se referem à que os discursos não são falas neutras, em nenhum aspecto da linguagem. Os seres humanos, enquanto seres sociais, vivem e interagem em contextos que geram e criam ideologias, a partir principalmente dos grupos em que vivem, as “classes”, que se integram por conjunto de indivíduos com características em comum (ROSA, 2013).

De acordo com Caregnato e Mutti (2006), os discursos desenvolvidos pelos indivíduos incorporam essas ideologias que são formadas pelo contexto em que vivem, e estabelecem relações de poder nessas falas. Essas relações de não neutralidade no discurso agrega interpretações que são submetidas por essas ideologias, e que podem ser tanto antagônicas como convergentes se comparadas com discursos de pessoas da mesma classe, por exemplo. O que altera esses discursos são a vivência e a ideologia de cada um, principalmente, de acordo com as autoras, que o sujeito não é dono da sua fala, mas que ela foi “constituída socialmente” e coletivamente.

O sujeito que analisa os materiais, então, interpreta a partir do discurso dos indivíduos e principalmente do que ele não explicita na sua fala, buscando incongruências entre uma fala e outra, e as relações de um indivíduo para o outro, lembrando que o analista faz uma releitura do discurso a partir das suas próprias ideologias (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

O analista, ao utilizar da entrevista, por exemplo, para obter seus dados, realiza a análise do *corpus* (as entrevistas em si) para identificar elementos que podem ser chamados de “marcas de discurso” que se relacionam com o contexto sócio-histórico e com repetições de falas que se relacionem entre si, e buscando assim entender esses recortes e qual é a identidade do sujeito a partir do seu discurso e os sentidos que se tiram dele pela interpretação do analista (CAREGNATO e MUTTI, 2006).

Esses discursos foram analisados *a posteriori*, ou seja, após a realização das entrevistas com os professores, identificando os símbolos que apareceram com mais frequência nos contextos específicos e que fizeram sentido com os discursos apresentados a partir das perguntas, inferindo conhecimento a partir destas percepções (ROSA, 2013).

Com essas análises, é possível interpretar a partir de entrevistas conjunto de informações que serão inferidas posteriormente e que podem ou não se comunicar com as hipóteses e comprovar as percepções, ou não, usando dos discursos dos entrevistados para tal situação.

Foram realizadas, então, 3 entrevistas com professores de diferentes períodos da profissão docente, sendo eles: Professora A com 3 anos de docência (completando 4 no ano de 2023), atuando como professora de Geografia do Ensino Fundamental e Médio na cidade de Ibitinga na Escola Estadual Josepha Maria de Oliveira Bersano; Professora B, com 9 anos na docência, atuando como professora de Ciências no Ensino Fundamental na Escola Estadual Doutor Álvaro Guião, em São Carlos; e o Professor C com 15 anos na carreira, trabalhando como professor de Biologia no Ensino Médio e Fundamental durante 13 anos, e agora como educador do Serviço Social do Comércio (SESC), na cidade de São Carlos.

As entrevistas duraram em torno de 1 hora cada, sendo realizadas de forma remota, com o Google Meets, gravadas com a autorização dos entrevistados. Foi possível realizar todas as perguntas formuladas (APÊNDICE A) com todos os entrevistados. De maneira geral, os professores se mostraram mais calmos no começo das entrevistas, mas foram se abrindo cada vez mais ao longo que as mesmas iam acontecendo, contando das suas experiências e convivências com mais detalhes e opiniões.

Para a própria entrevistadora, realizar esse tipo de entrevista custou muita coragem e orientação, sendo no começo muito difícil, com anseios e medo a respeito do que os professores iriam achar das perguntas e como seriam suas respostas, mas ao longo das entrevistas foi possível reformular algumas perguntas e atitudes para que os mesmos entendessem melhor as perguntas e conseguissem ficar relaxados. Uma experiência que necessitou de muita atenção e consciência, principalmente nas sutilezas das respostas e das suas intenções, uma vez que se tratava do próprio trabalho dos docentes, sem deixar de lado o respeito.

## 4 ANÁLISES E RESULTADOS

### Expectativas e idealizações dos docentes.

Durante as entrevistas com os professores, um tópico presente e muito forte que se destacou quando os docentes pensaram sobre o que idealizavam a respeito da profissão foi a conexão com os alunos na forma de carisma e empatia. Os três entrevistados apontaram que, ao se imaginarem como professor, reconheciam que poderiam tanto ajudar os alunos na sua formação, como seriam bons profissionais por gostarem de ensinar, se comunicar e também por tratarem bem as pessoas. Essas afirmações podem ser identificadas a partir da fala do professor B:

[...] na verdade eu tinha a imagem que os professores que fazem a diferença são aqueles que se relacionam bem com os alunos, não numa questão de puxar saco né, mas numa questão de você tratar as pessoas como você gostaria de ser tratado né [...] (Professor C).

A visão do professor como “herói” foi algo discutido tanto pela professora A quanto pelo professor C ao analisarem que, antes de iniciarem na carreira docente, imaginavam que seriam os responsáveis por essa mudança significativa na vida dos seus alunos, e que principalmente só dependia deles para que esse fator fosse consolidado. O professor C apresenta que: “[...] acho que o ideário do professor que as pessoas têm de tipo “*ai eu vou fazer a diferença*”, a gente faz a diferença mas né, não muda o mundo inteiro” (Professor C).

Uma fala bem significativa a respeito dessa característica foi demonstrada pela professora C ao falar: “*A experiência é ser uma professora de filme né, passar matéria, todo mundo aprender, mas não é a realidade*” (Professora A).

Essa questão da idealização pelos professores sobre o que será o trabalho docente, na visão de mudar o mundo, é algo que se encontra sempre que pensamos no ser “professor”. Ao analisar que os docentes estão em contato direto com os estudantes, há essa expectativa de que as experiências como professores serão positivas, e que se pode mudar o mundo por meio das suas aulas e da sua docência (GOMES, 2014).

De acordo com Paulo Freire (1979), em sua emblemática frase, “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”. Durante a construção do professor, a questão do herói foi algo instalado na sociedade e que assume a forma que é possível só pela educação essa mudança do mundo. O peso imposto no professor como ator responsável pela educação e

mudança é muitas vezes vista nas escolas e transferida pelos próprios pais dos alunos, ao questionar a ação dos professores sobre a educação.

Em uma dessas visões, a professora A comenta:

É assim, professor, ele é muito enquanto ele tá te fornecendo alguma coisa, e essa coisa é o que você quer, e não o que você precisa, mas o que você quer. O que você na sua cabeça acha que é bom, então por exemplo, eu pensando nos pais dos alunos assim, eu sou respeitada enquanto os alunos estão tendo aula, frequência, e tão com nota. Mas se em algum momento eu reclamo da criança, de algum comportamento, aí já muda da água pro vinho (Professora B).

A predisposição expressa por esses profissionais demonstra uma questão de qual personalidade se destaca mais ao fazer parte da docência, o que pode criar estereótipos e idealizações que muitas vezes podem ser irreal de ser alcançadas. Essa propensão ao dar aula e ter um certo carisma, já comentado, pode acabar isolando muitas pessoas da carreira docente e também prejudicando os professores quando os mesmos forem mais assertivos com seus alunos, encarando aquele professor como “mais bravo”, e conseqüentemente, “mais chato”.

A visão de professor como o detentor do saber e “ditador” da sala de aula, evidencia um ideal de profissional docente que não apresenta empatia com seus alunos e suas realidades: “[...] *quando eu entrei mesmo na graduação, e...a gente tinha uma percepção do docente como autoridade máxima em sala de aula, autoridade de cátedra, de domínio de conteúdo, de poder preparar as aulas com autonomia*” (Professora B).

Essa visão estabelecida prejudica os professores, e desvalorizam sua profissão, pois se ser professor é apenas deter conhecimento e transmiti-lo, então qualquer um que obtenha esse conhecimento também pode lecionar, sem preparação.

Em muitos momentos, mesmo por reconhecer que muitas pessoas possuem uma melhor facilidade ao lidar com outras e a explicar, é importante ressaltar que o trabalho do professor vai além do contato e de como o mesmo explica. Há anos de formação e pesquisas para que alguém se torne um profissional na educação (GOMES, 2014), como se portar em uma sala de aula, como fazer atividades e avaliações, etc., e ao estabelecer que professor é uma profissão, e não um passatempo ou algo que as pessoas fazem apenas porque gostam e por amor, será

possível melhorar as condições do trabalho docente, assim como a professora A aponta: *“As pessoas tem uma ideia errônea de que você vai ser professor porque você não é bom em nada, então você não é bom em nada, vira professor, fácil!”*

Pelas falas dos professores, nota-se a importância da formação docente para além dos conteúdos que são transmitidos, muito sendo discutida a questão da empatia com os estudantes e com os demais profissionais na escola. Em uma das falas, é empregado que outros profissionais estão assumindo aulas, sem serem professores formados e sem estarem passando por um processo de licenciatura, apenas trabalhando pois apresentam o conhecimento dos conteúdos, principalmente com o Novo Ensino Médio: *“Agora você tem engenheiro em sala de aula, você vê pessoas com as mais diversas formações profissionais, e tudo porque é fácil, né? É fácil agora entrar no banco de talentos, colocar 30 (aulas) e passar na frente de todo mundo”* (Professora B).

A tendência da entrada desses profissionais que não são formados na licenciatura nas escolas demonstra a racionalização do ensino encaixado para um âmbito de formação profissional dos alunos, e apenas isso (DOS SANTOS, 2022).

Essa formação profissional é vista como um dos mecanismos do sistema capitalista de criar uma mão de obra barata e que seja capaz de seguir ordens sem criticá-las (MARRACH, 1996). Ao inserir profissionais que não receberam formação docente, essa visão fica mais acentuada, evidenciando o próprio objetivo neoliberal de produção de mercadoria barata e rentável para seus propósitos, como apresentado por Nobre (2003).

Não só a própria educação é afetada nesse quesito, pois não são profissionais de sala de aula, mas o próprio valor do professor é afetado, uma vez que se cria um imaginário na sociedade de que “qualquer um pode dar aula”. Será essa uma parte da “ilusão socialmente necessária”, para se manter ainda mais a precarização do trabalho docente como meio de manutenção de um grupo que está em contato direto com cidadãos em formação (NOBRE, 2003).

É possível perceber duas principais idealizações do professor: o ser dócil, que trabalha por amor, herói, e o ser bravo, que detém o conhecimento e é autoridade máxima. Mesmo sendo duas visões opostas de si mesmas, elas acabam prejudicando a carreira do professor perante ele mesmo e a própria sociedade, uma vez que ao entrar na sala de aula, ele se depara com a realidade e as quebras de

expectativas.

Em relação a essas quebras de idealizações e novas percepções sobre o ensino uma vez que estão dentro da sala de aula, os três entrevistados mostraram essa relação de novas mudanças e choque de realidade ao perceber as verdadeiras situações que iriam encarar na escola pública.

A gente ficava na porta, tentava ensinar alguma coisa, quando falávamos, o que era frequente, a gente sentava na porta e ficava esperando o tempo passar. Então assim, foi um choque muito grande porque a gente achava que era aquilo que ia ter dali pra frente né (Professora B).

Não só em relação ao choque de realidade, mas também as próprias mudanças de idealizações foram apresentadas pelos professores entrevistados, ao notar como seria o trabalho com os estudantes. De acordo com a professora A:

Não, elas se transformaram. Elas se transformaram, porque quando eu tava em formação eu achava que era uma transmissão de conhecimento né. E hoje eu vejo que meu papel é formação de cidadão. Como um indivíduo integral, então eu não me sinto como professora mais, minha expectativa não é ser uma professora, é ser uma pessoa que apoia aquele aluno a crescer e a ser alguém (Professora A).

Essas situações de mudança de percepção ao encarar a realidade se relaciona com a idealização do desconhecido afirmado por Gomes (2014), que no caso dos professores, mesmo com todas as pesquisas e preparação para o trabalho docente, ainda não é refletido tudo que esses profissionais precisam saber e se preparar para o que encontrarão na sala de aula.

Mas de maneira geral eu acho que a articulação entre pessoas dentro de uma escola é algo que a nossa formação não dá conta, por exemplo, nem no plano teórico, nem no plano prático assim. Acho que vocês que passaram pelo PIBID conseguiram notar coisas mais a fundo do que alguém que fez só o estágio, por exemplo. Eu acho que o estágio tem bem um objetivo específico didático, processual, de entender ferramentas de aprendizado, de conteúdo, outros tipos de conhecimentos que não só o conteúdo (Professor C).

Mesmo com o estágio, essas relações intrínsecas da escola, demonstrado pelo professor C, não são suficientes para toda a formação docente necessária ao professor, para não acabar enfrentando esse choque de realidade tão grande. Essa formação docente mais precarizada muitas vezes causa ao professor idealizações

que podem acabar prejudicando o seu trabalho, e principalmente desanimando os mesmos no seu serviço (SAMPAIO e MARIN, 2004).

De acordo com Reis, Silva e Meirelles (2021), a relação da “aparência” com a “essência” se mostra completamente relevante ao perceber o que se considera o trabalho do professor, e como se espera que o mesmo se comporte tanto para as pessoas e a sociedade, quanto para ele mesmo. Essa essência do que é a educação pública no Brasil atualmente se concentra muito com a desvalorização do professor e do seu serviço, se deparando com questões de violência e desrespeito, descrito pela professora B:

Mas de desrespeito, sabe? Desrespeitar professor enquanto pessoa em sala de aula, de ouvir baixaria, de ouvir desaforo, a gente ouve muito desaforo em sala de aula, você se sente assim pior que nada né, como se você fosse um nada ali, como se todo seu conhecimento, como se toda...é...como fala? Como se toda a sua capacitação profissional não significasse absolutamente nada ali né, como se você tivesse falando pras paredes (Professora B).

A aparência então se mostra concentrada no que tanto a sociedade quanto os próprios professores imaginam o que seja o trabalho docente, e pelos professores, como apresentado anteriormente, é possível relacionar essa aparência com o professor como herói e transmissor de conhecimento, mas que se transforma ao perceber as reais necessidades dos alunos para formação cidadã.

Para a sociedade, os três entrevistados mostram as consequências a respeito do que as idealizações e falsas expectativas fizeram com a essência do professor, ao caracterizá-los em muitos momentos como “vagabundos” e também por se interessarem pelo trabalho docente apenas quando convém para todos.

O professor C apresenta: *“Quando você tá fazendo um negócio muito legal todo mundo quer valorizar você, mas quando as coisas estão difíceis ninguém te acolhe assim né, não existe um acolhimento tão fácil dentro do cotidiano assim. Acho que é mais esse caminho”*.

As desvalorizações presentes nesse contexto educacional fazem com que as expectativas criadas sejam desmoralizadas com mais força do que se esperaria (HUBERMAN et al, 1992). Sobre as desvalorizações mais presentes no contexto docente, os professores evidenciam a grande sobrecarga em cima dos mesmos, principalmente com as cobranças inferidas aos professores, que causam desânimo e faz com que debatam a respeito do próprio trabalho e de suas qualificações

Tem que ser tudo eu. Tudo eu numa aula de 45 minutos, tendo que fazer chamada online, tendo que fazer registro da aula online, porque todo fim de semana a diretora manda lá no chat com todos os professores a lista de quem não colocou, a lista de quem está desatualizado no diário digital, entendeu? (Professora B).

Essas cobranças não só são impostas apenas pela gestão, mas também pelo próprio Sistema Educacional, ao cobrar das diretorias um serviço que muitas vezes não é possível ser realizado, pois se demanda condições em que o próprio tempo de trabalho não corresponde com a quantidade de tarefas.

E esse sistema, como um todo, é formado pelos ideais neoliberais que impõe essas condições como forma de sustentar seu próprio poder, sobrecarregando esses profissionais com condições muitas vezes surreais e impositivas. Tudo isso é planejado para que funcione exatamente dessa forma, mantendo todos sob o poder dos mais influentes (MARRACH, 1996).

A sobrecarga desses profissionais acaba resultando no esgotamento não só físico dos mesmos, mas também psicológico (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020), em que é apresentado pela fala dos entrevistados:

[...] mas o que a gente vê hoje em dia é desvalorização do cargo de professor, da carreira do professor, muito tempo de hora de trabalho desses profissionais, então é...saúde mental extremamente abalada da galera né, é isso né. Muito professor já passou e tirou a licença médica, licença saúde, principalmente desse pós pandemia assim que eu notei foi isso assim, um boom muito grande de violência nas escolas, não que antes não tinha né, mas o pós pandemia foi uma galera que não sabia lidar com diferença [...] (Professor C).

Além da cobrança ativa do professor, ocorre uma sobrecarga nos professores pois em muitos momentos o docente assume trabalhos que não são designados para os mesmos, como psicólogos, enfermeiros (DA SILVA MOURA et al, 2019), e até mesmo como parte da família do aluno, uma vez que muitos estudantes apresentam mais confiança nesses profissionais do que nos membros das próprias famílias. A professora B expressa a questão do professor assumir trabalhos sem a própria qualificação para o mesmo, nem em sua formação docente:

[...] na época não tinha professor da educação especial apoiando, então era só a gente tendo que lidar com situações que a gente nunca tinha aprendido a lidar né, ainda. Mesmo nas disciplinas de licenciatura a gente não tem esse tipo de formação né [...] (Professora B).

Já a professora A mostra a questão do professor como parte de um contexto familiar necessário que muitas vezes não acontece no próprio contexto dos estudantes:

Ela precisa de um alicerce. Aí que entra o mentor, do que eu falei que o professor não é só passar conteúdos. A gente, não sei se tá certo ou errado fazer, a gente tá fazendo o papel que a família não faz. Então a gente virou pai, a gente virou mãe, a gente virou amigo, não só professor (Professora A).

Um outro ponto importante se concentra no salário dos professores, em que, com os entrevistados, houve um consenso entre os professores B e C sobre o baixo salário que os docentes recebem e a desvalorização que acontece por meio do Estado, sendo uma forma de também desvalorizar a visão do trabalho docente para a sociedade.

Entendeu? Eu acho que está muito associado isso daí, porque se a gente tivesse de fato um salário coerente com o nosso trabalho, com o trabalho que a gente tem pra preparar uma aula de qualidade, com certeza não ia tá do jeito que tá a educação, sabe, a gente ia ter mais motivação porque ia ser...porque ia ter muito menos perrengue, é nesse sentido que eu falo do salário, porque você ia poder ficar numa escola só, com poucas aulas, você ia conseguir administrar o seu tempo melhor, você ia conseguir usar o tempo pra ir buscar um negócio no CDCC né, tudo isso demanda tempo (Professora B).

Entretanto, a professora A expressa que está satisfeita com o salário que recebe, e compara essa relação com o restante do mercado e da população: *“Se eu pensar no mercado, comparado ao mercado de hoje, eu recebo bem, eu recebo bem. Dez por cento da população recebe essa renda? É um salário bom”*.

Neste sentido, há uma discordância entre os professores a respeito do que recebem, e se estão satisfeitos com seus ganhos. Entretanto, os professores concordam que o salário que recebem não condiz com o trabalho que realizam, em questão das horas de trabalho e também do tanto que precisam realizar, mencionando as cobranças por parte da coordenação e do próprio Estado:

Só que qual é o problema? O meu trabalho. Eu tô comparando ao o que pra falar que isso é suficiente? Porque eu tive que ter a minha formação, e a minha formação é constante. Eu sou professor 24 horas, porque você atende o aluno em diversas horas. Professor vai ser professor no final de semana também. Eu ganho bem, comparado ao mercado, mas se ver a remuneração pelo trabalho que eu faço, pelo o que eu executo, pela minha função, eu recebo pouco, tá (Professora A).

Grande parte da população não conhece o trabalho que o professor realiza fora da sala de aula, o trabalho de preparação e avaliação que acontece é essencial para que os docentes consigam trabalhar de forma plena com os alunos. Por não conhecerem essa parte, muitas pessoas julgam o trabalho do professor centrado principalmente em sala de aula, com o julgamento de que o professor está ganhando um grande salário pelas horas trabalhadas (SAMPAIO e MARIN, 2004). Essa afirmação prejudica a visão da sociedade sobre a profissão docente, culminando em opiniões que causam preconceitos e desvalorização, como os entrevistados afirmam:

[...] inclusive desse concurso que vai ter..."nossa o professor tá ganhando bem agora, 5 mil, que coisa", que bom né, pena que não vai tudo isso pra aposentadoria da pessoa, porque é isso, uma grande parte fica pro subsídio né, então não é tudo aquilo que você tá contando pro fim da sua carreira, que você tá mais arrebitado, se você resolver fazer uma carreira de professor, né (Professor C).

A manutenção dessa desvalorização é apresentada por Nobre (2003), ao se perceber que, manter os professores em uma condição de salário insuficiente e meios de trabalho exaustivos garante a manutenção dos poderes de uma sociedade capitalista, ao tentar deixar na margem profissionais que apresentam um papel emancipatório e de transformação, em contextos específicos, como apresentado por Contreras (2002, apud DOS SANTOS, 2022).

Durante as três entrevistas, foi surgindo, pelos professores, a palavra "dom" em relação ao trabalho docente, no contexto de se eles imaginavam que as pessoas nasciam ou se tornavam docentes. Os três professores trouxeram a palavra dom em contextos com certa similaridade, em que a professora B aborda:

Mas não sei, eu acho que tem algumas pessoas que, não sei, existe dom? Dizem que não existe né, isso de dom, que é tudo aperfeiçoamento. Não sei...porque eu acho que eu sempre tive um pezinho assim na...talvez seja...tenha nascido com um pezinho na profissão mesmo. Não sei (Professora B).

Com essa abordagem, a entrevistada B tenta demonstrar que ela acredita estar em uma posição em que a docência é parte dela, pela facilidade que a mesma apresenta ao lecionar e ao lidar com as pessoas, muito parecido com o que o entrevistado C apresenta:

Então assim, acho que todo mundo meio que se torna educador ou professor em algum nível assim né. Agora professor como profissão, que aí envolve dinheiro tal, acho que é formação mesmo também né. Acho que tem gente que tem mais disposição a ser professor assim, mas eu não acredito muito em dom assim, acho que tem gente que está mais aberta a passar por esses processos que eu falei, processos que você tem que estar disposto né, você tem que estar disponível (Professor C).

Neste contexto, o entrevistado C expressa que não acredita no dom, mas que algumas pessoas estão mais propensas a certas situações por terem mais facilidade com estas questões, como o contato com outras pessoas e a comunicação, o que interage bastante com a fala da professora B e também da professora A: *“Então eu, na minha opinião, eu acho que eu nasci com esse dom, porque eu sempre gostei de ensinar os outros, aprendi ensinando, sempre gostei de conversar, orientar, mandar, sempre gostei também (risos).”*

Esse papel quase “maternal” do professor respalda na visão que muitos têm a respeito desse “dom”, e de como o docente precisa se portar de forma mais atenciosa, e mansa possível na presença de alunos e pais (DAMASCENA, 2019). O fazer por amor e o dom muitas vezes acabam afetando de forma negativa a visão da sociedade dos profissionais, pois ao entender nesse aspecto, qualquer tipo de desvalorização e prejuízos podem ser afligidos ao professor, pois ele é capaz de aguentar tudo por “amor”, como expressa a professora A:

O que eu já ouvi que foi uma romantização...na vez que meu salário veio com erro. Trabalhava no noturno e no noturno recebia TCN né, que é um dinheiro extra. Não veio, não veio meu dinheiro e eu fui cobrar. E falaram assim "aí, mas você tem que trabalhar por amor". Sabe o que eu falei? Que eu trabalhava por dinheiro (Professora A).

A própria professora A se contradiz ao falar sobre o dom no final de sua fala, percebendo a importância da formação docente:

Mas eu não falo que pra ser professor é só o diploma, então não sei. Pode ser que às vezes a pessoa ao longo da vida percebe o que gosta, vai se descobrindo, é difícil falar se nasce ou não...é uma construção, ser professor é uma construção. Acho que não nasce não, é construído (Professora A).

Nesse sentido, a predisposição de ser professor e apresentar características que se mostram como a “aparência” do que o professor deve se concentrar, não é suficiente para dar conta de todas as dificuldades que os docentes enfrentam e

precisam lidar, sendo necessário não só essa empatia e carisma, mas também a formação na graduação e também uma constante formação docente durante o próprio trabalho do professor: *“A gente nunca vai ser...a gente nunca não pode melhorar, a gente sempre pode melhorar, ser um professor melhor, isso a gente pode com certeza”* (Professora B). *“Porque a gente...eu pelo menos todo dia estou aprendendo coisa nova que pode melhorar minha prática de ensino”* (Professora B).

### **Visões romantizadas da docência: sociedade e sistema.**

Os entrevistados apontaram situações de romantização durante suas falas, caracterizando o professor como apenas uma característica que se mostrou igual nos três entrevistados, o professor bonzinho e salvador de todas as situações. Em uma das falas, o professor C expressa:

Com certeza. “Ai, você é professor né, que bonitinho”, as tias né, “ai que bonitinho, professor”. Existe essa ideia romantizada, acho que não só na família, aqui por exemplo na rua eu sou o professor. Não tenho nome. Ninguém lembra do meu nome, eu sei o nome de todo mundo né, “oi professor” (Professor C).

Essa situação se relaciona muito com a visão idealizada e romantizada de professor trabalhar por amor e de ser algo como maternal, mesmo pela visão masculina (DAMASCENA, 2019).

O professor C ressalta que ninguém lembra do nome dele, apenas de que é um professor, e essa falta de essência se resume a própria aparência do trabalho docente, a questão do dom e do amor mais uma vez impostas nessas situações: *“Nesse sentido eles romantizam né, eles achavam que a gente tava numa boa, fazendo nada pra receber, e eu tenho certeza que tem muita gente que acha que o professor devia estar lá por amor”* (Professora B).

Nesse sentido, a romantização e a idealização do trabalho docente como algo realizado por amor desvaloriza o professor de forma a aguentar situações pela sociedade parecidas com a fala do professor C, a falta de reconhecimento do trabalho sério e centrado, e a perda da própria identidade.

Na sociedade capitalista, trabalhar por amor não condiz com as condições necessárias para a sobrevivência dos indivíduos, assim como apresentado pela professora A: *“Mas aí tem aquelas pessoas julgarem, por exemplo vou falar com um colega. Aí porque eu dou aula. Você ama dar aula? Gosto. Mas você gostar da sua profissão é interessante, mas você tem que trabalhar por dinheiro né”*.

Ao apresentar esse argumento, é possível entender que o trabalho do professor é um ethos profissional como qualquer outro e que não deve ser resumido pelo “dom” ou pelo “amor” (DAMASCENA, 2019), como grande parte da sociedade assume.

O sistema atua nessa romantização, fazendo com que a sociedade também reproduza esses ideais, e é pela exibição de propagandas destacando as grandes inovações e mudanças que estão ocorrendo nas escolas que ocorre essa influência. Mas a realidade da sala de aula não é mostrado.:

Você criou um material, você deu um tablet, você deu internet, os alunos vão aprender. Então eles romantizam isso, eles acham que só as ferramentas é o suficiente, eles não entendem que o contexto familiar que esse aluno tá inserido influencia. Então eu sinto essa romantização (Professora A).

Essa propaganda atua diretamente na sociedade, uma vez que se tem o material necessário, então a situação da aprendizagem deveria ser muito melhor do que se encontra atualmente. Entretanto, não é só de material que se constrói uma educação, como expresso pela professora A:

Só que agora, eu não sei, porque você vê um discurso que não fala a verdade do professor. De sala de aula. Eles sempre falam de ferramenta, de recursos, que comprou isso, que reformou, que lançou material, o que não é mentira, só que eles não entendem o que tem por trás né, quem é o aluno mesmo. Acho que é essa parte que romantiza (Professora A).

O que vem dessa desvalorização pelo Estado se relaciona muito com a descredibilização da profissão, apresentado por Dos Santos (2022), e dos viés capitalistas ao instruir uma educação que não encara a importância da realidade do aluno para uma formação crítica, mantendo apenas a transmissão de conhecimentos e a formação profissional para criar mão de obra essencial para o Estado.

Essa descredibilização faz com o que os professores sejam desvalorizados no seu âmbito profissional e recebam em troca romantizações da profissão que desmerece o seu trabalho sério na educação, uma vez que a própria sociedade não compreende qual é esse trabalho, qual é o papel do professor, principalmente pelas propagandas disseminadas que só mostram uma vertente da docência e das escolas.

### **Tempo de experiência docente e atuação nas desconstruções.**

Para os estágios, tanto para os professores B e C, houve um significativo processo de aprendizagem, resultando em uma grande importância dos mesmos e sua ativa relação com a prática docente:

Então acho que é um pouco desse caminho assim, acho que te prepara de fato pro chão mesmo, pra linha de frente, que a teoria nunca vai dar conta, que...você pode discutir o que for na relação de uma sala de aula, da relação professor e aluno, de como os professores têm ferramentas, temas que você não vivencia a vida de fato do professor né, que é a parte de linha de frente mesmo né, que tem as potências mas também tem os sofrimentos, tem as escolas cabeludas, e tem as dificuldades com os alunos né, não é só flores. Então acho que é muito imprescindível assim, os estágios são, sei lá, 50% do curso de licenciatura [...] (Professor C).

Foi possível começar a compreender o contexto escolar e o que os professores iriam se deparar ao entrar em sala de aula como profissionais com o estágio. Entretanto, para a professora A os estágios não acrescentaram na sua formação, principalmente pelo contexto em que a mesma estava inserida, ao se graduar em uma universidade particular e realizar os estágios mais como ouvinte, do que como uma estudante ativa na sua formação acadêmica. Eles também foram realizados em âmbitos privados, entretanto a entrevistada comenta que, talvez se tivesse realizado em escolas públicas, ela poderia ter desistido da carreira:

Na verdade não me ajudaram. Eu fiz estágio na escola que eu estudava, aquilo né, uma escola particular, onde o pai paga, então é totalmente diferente do ensino público. Então no estágio eu sentava lá e simplesmente assistia uma aula. O professor falando, os alunos dialogando, conversando, interagindo. E daí na hora que você chega no ensino público, você vê que não é assim. Não é o professor entra na sala de aula e vai dar a sua aula né. Então é bem diferente. Então pra mim o estágio não acrescentou (Professora A).

É possível perceber que em diferentes âmbitos escolares (públicos e particulares), existem diferentes maneiras que os estágios são realizados, e que isso pode refletir no modelo de ensino das escolas. Para uma escola pública, conseguir encarar a realidade desde a graduação ajuda na preparação das possíveis adversidades que poderão ser encontradas.

Essa falta de preparo no caso da professora A pode se assemelhar com que Sampaio e Marin (2004) comentam sobre essa falta de preparação em muitos sentidos no meio acadêmico para com o professor, afetando sua docência uma vez que se tornam profissionais.

Entretanto, quando o estágio é desenvolvido pensando nos meios de qualificar o professor, principalmente para o ensino público, como o caso dos professores B e C, é possível perceber que esta vivência é essencial para compreender muitas questões da docência, no que diz respeito à prática e à teoria também, abordado pelo professor C como “50% do curso de licenciatura”.

Mesmo sem a ajuda efetiva do estágio para a professora A, é importante ressaltar que a contínua formação docente ajudou não só essa docente, mas também os professores B e C, ao aperfeiçoarem o seu trabalho e conseguirem assimilar as realidades da escola que o estágio não foi capaz de prover:

Tanto que agora o Estado tá tendo a prova Paulista, né. E o primeiro bimestre os meus alunos do 7° ano da prova Paulista acertaram só 30%, porque a gente não tinha essa relação. E eu falava eu não sei o que eu vou fazer. Agora com o 2° bimestre foi pra 76%. Subiu 40%. Mas por quê? Você vai conhecendo o aluno, envolvimento, sabe, não é uma questão de gostar do professor, mas influencia também (Professora A).

A respeito da infraestrutura, também houve uma discordância entre os entrevistados, em que B e C concordam que as escolas precisam de uma melhor infraestrutura nos materiais, não só a respeito da disponibilidade deles, mas da acessibilidade dos mesmos, como fala a professora B:

Por exemplo, agora a gente tem TV em todas as salas de aula, tem Internet na escola, aí você tenta trazer alguma atividade diferenciada, que consiga ser utilizada nesse contexto, e aí a Internet não funciona (risos), a TV molhou por conta da chuva, e você não pode usar naquela semana especificamente. Ou nem isso, às vezes nem é fisicamente, estrutura física mas estrutura do dia-a-dia assim. Aí tem uma prova que tem que ser aplicada obrigatoriamente e atrapalha o que você tinha programado, então isso acaba dificultando muito pra gente né (Professora B).

Para a entrevistada A, a questão dos materiais não é algo que afeta o seu trabalho, uma vez que na escola em que atua tem uma infraestrutura importante e que funciona, garantindo a presença do material, mas focando na questão do tempo, que muitas vezes é pouco para ser trabalhado tudo que é preciso, e também na questão da infraestrutura como o suporte familiar:

Eu acho que o problema da educação não tá sendo a educação. Não tá sendo a escola, o órgão escola, não tá sendo o governo. Tá sendo família. Começa por aí. Eu acho que pra gente falar de educação, primeiro a gente tem que falar do alicerce. O que tá acontecendo com a nossa sociedade é que a gente não tem um alicerce. E o que vai repercutir? Tá saindo alunos que não tem

sonhos, que não tem expectativas, que não sabem o porquê tá estudando (Professora A).

As falas dos três entrevistados mostram que falta, na escola, um suporte para uma melhor estrutura não só funcional, mas também psicológica, tanto entre os professores em si, quanto com a gestão e também o com a família como forma de inserção das mesmas na vida dos estudantes:

Dentro da escola eu nunca tive tantos apoios de parceria pra fazer coisas juntos, a não ser nesse último ano que vocês pegaram, aí a gente tava muito articuladinho, tinha outros professores, mas eu acho que isso também foi papel de alguns anos dentro da mesma escola também né, então demora pra você construir primeiro confiança entre os professores e a gestão, você também construir alguma confiança neles, apesar das discordâncias, e construir também essas parcerias (Professor C).

Quando se aborda a infraestrutura no contexto escolar, muito se para apenas na questão dos materiais escolares, das salas de aula, do suporte tecnológico, etc. De acordo com Garcia (2014), além dos equipamentos e instalações, os serviços também fazem parte da infraestrutura escolar. Esses serviços podem ser expandidos por não só a estrutura concreta, mas também a parte abstrata, entendido então como um suporte para que algo funcione na sua plenitude.

Em um sistema escolar, não são apenas os materiais didáticos e o prédio da escola que constituem a base da educação, mas também as relações sociais que acontecem naquele meio, os envolvimento com os estudantes e a sociedade. Mas essas relações sociais podem ser prejudiciais para o sistema neoliberal, criando vínculos de críticas e mudanças, por isso não são valorizadas, assim como a desvalorização dos docentes é essencial para a manutenção do sistema vigente (TARDIF e LESSARD, 2013).

Para construir essa educação, é necessário todo suporte e base necessários, envolvendo a família, a direção, o auxílio de demais professores e a própria sociedade, para que as mesmas conheçam o trabalho docente e da educação e entendam as suas necessidades, e principalmente, a sua desvalorização. Essa base seria a infraestrutura, o conjunto de fatores que dão para a escola o ambiente necessário para cumprir seu papel: emancipatório e crítico para os alunos, de acordo com Contreras (2002, apud DOS SANTOS, 2022).

Em relação ao tempo de experiência de cada professor, é possível perceber

algumas relações de idealização presentes na professora A, principalmente em relação ao salário e à infraestrutura material nas escolas, que de acordo com a mesma são condições de trabalho boas e aceitáveis, em certo nível.

O que já para os professores B e C se mostra ao contrário, em que há fortes aversões a respeito do salário e da infraestrutura, que ao mesmo tempo esses professores mostram um maior cansaço com a educação e com as condições que lhe são apresentadas, após 9 anos de trabalho docente: *“Eu exonerei em abril, falei ‘pra mim tá bom, já deu’. Já tava me tirando a saúde né, justamente porque é isso...é chegar a conclusão que era melhor eu parar antes que eu batesse os pinos [...]”* (Professor C).

A professora B expressa esse crescente sentimento de que se pára ou não as suas atividades docentes por conta de toda essa desvalorização crescente:

Porque eu pus 20 aulas, porque eu não queria ficar 54 aulas dentro da escola, com essas APDs obrigatórias, que tem que ser cumpridas em escola né, eu não queria, eu peguei só as 20. E aí eu fui lá pro fim da fila. Então eu fiquei os 2 meses assim, muito desgostosa, tava tudo muito bagunçado, e sabe, todo dia eu acordava e pensava “será que eu paro? Será que esse ano eu paro?” (Professora B).

Ao contrário da professora A que não expressou esse sentimento de parar com a docência, mas que ainda tem muitas ideias para tratar com os seus estudantes, e que não muito recentemente reconheceu a importância de utilizar as realidades dos alunos para compreender suas reais necessidades.

O professor C, com mais tempo ainda de trabalho, apresenta uma visão ainda mais complexa a respeito do trabalho docente, e com uma visão politizada sobre a própria escola e a influência do estado sobre os ambientes escolares, comparando com a sociedade neoliberal nesse meio tempo. Foi possível reconhecer esses aspectos peculiares após muito tempo na docência, o que alguns desses fatores não são observados pela professora A.

Esse tempo de docência também contrasta com as próprias idealizações desenvolvidas pelos professores, em que, para um docente no começo do trabalho, mesmo pelo choque de realidade percebido, muito ainda tenta ser mantido, principalmente pela ideia das “visões de descobertas” apontado por Huberman et al (1992). Aguentar as precarizações a partir das novas descobertas em um ambiente

profissional pode ajudar o professor a continuar esperançoso com seu próprio trabalho.

Entretanto, com o tempo de docência e com a permanência das situações precarizadas nas escolas pelo Estado (NOBRE, 2003), essas descobertas acabam atraindo mais questões negativas do que positivas, principalmente pela não melhora dessas precarizações, fazendo com que o professor fique mais “desgostoso” com seu trabalho e perca ainda mais sua saúde mental ao passar dos anos, podendo até mesmo desistir da profissão antes que as situações piorem no seu tempo.

Todas essas condições mostram as influências de idealizações e romantizações na docência, principalmente por muitas vezes se criarem expectativas que não se sustentam em um ambiente de trabalho marcado pela desvalorização em âmbito social, de infraestrutura, de suporte, e de permanência. O que se imagina da profissão, a sua “aparência” é desgastado pelo o que se espera da sua “essência” (REIS, SILVA e MEIRELLES, 2021), e mesmo essa essência nos tempos atuais se mostra controversa e difícil de se entender por todas as adversidades que os professores encontram no seu dia-a-dia em sala de aula.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível concluir que, mesmo para os professores atuantes na docência, as idealizações do seu trabalho estão presentes e são fortemente vinculadas com o que os mesmos sofrem e enfrentam todos os dias. Ao idealizar as suas ações como docente, é marcado uma forte quebra de expectativa ao se deparar com a realidade, quebra esta que nem os estágios são capazes de preparar esses docentes. Desta forma, o objetivo da monografia foi alcançado ao elucidar essas idealizações e compreender, em partes, de onde as mesmas surgem e como são os seus impactos.

O que resulta dessas quebras de expectativas são a percepção de uma realidade que talvez esses mesmos profissionais não consigam lidar, e que precisam sacrificar grandes partes da sua saúde mental pela principal idealização de que ser professor pode ser capaz de “mudar o mundo”. Os docentes estão em um lugar e em poder de muitas mudanças, mas essas por suas próprias ações não são capazes sozinhas de realizar drásticas transformações em uma sociedade que perpetua desigualdades e precarizações, principalmente pela visão capitalista e

neoliberal.

Essas idealizações afetam, então, o trabalho docente principalmente nos aspectos negativos, por obstruírem a realidade e por construir concepções que não vão conseguir se sustentar pelo professor uma vez que o mesmo se encontra na sala de aula. Na sociedade é criada, por essas idealizações, uma visão incompatível do trabalho docente, muitas vezes vendo este com um viés maternal, e não como uma profissão no *ethos* profissional, que demanda tempo de estudos e muito trabalho, e que só por o dom e por amor não são capazes de sustentar, o que é a principal percepção da sociedade.

E mesmo que essa visão se perpetue, o professor sofre a desvalorização exatamente por esse não reconhecimento do seu trabalho como algo de extrema importância, encarando então demandas da sociedade para que façam aquilo que lhes agradem, e não que precisem.

Essa idealização do trabalho docente pelo amor, e suas romantizações disseminadas na sociedade, criam condições precarizadas para o professor, uma vez que por amor qualquer transtorno seja possível de ser passado e também aceito, incluindo salários que não condizem com seu tempo de trabalho, condições precárias de infraestrutura e suporte, violência e desrespeito nas escolas, etc. Pode-se amar uma profissão, mas é necessário compreender de onde esse fator de amor aparece, o que pode estar vinculado com a manutenção de poderes e sistemas para manter as desigualdades.

O tempo de trabalho do professor também afeta o quanto dessas realidades mudam as perspectivas criadas desde antes mesmo da graduação, em que professores mais novos, mesmo ao receberem o choque dessa realidade, ainda mantêm idealizações e noções esperançosas diferentes daquelas de professores com mais tempo na docência, que nesse momento da sua carreira, já mostram desânimo constante pelas repetidas situações de desvalorização que encontram.

A profissão docente é cheia de turbulências e nuances complexas que muitas vezes inviabilizam o trabalho efetivo. Essas complexidades são encontradas até mesmo em âmbitos de construções de idealizações pela sociedade por não conhecer a fundo o que os professores enfrentam todos os dias. É importante reconhecer de onde vêm essas idealizações, uma vez que foi possível compreender que as mesmas interferem com o trabalho docente.

Ao passo que esta monografia ressaltou algumas das visões de idealização

do trabalho docente, os dados obtidos mostram apenas uma parcela da realidade dos professores de Educação Básica no Ensino Público, restritos a situações específicas de um recorte da educação, e que, ao expandir essa percepção para outros cenários, pode-se ocorrer mudanças nas idealizações dos professores e no que os mesmos realmente entendem sobre o seu trabalho.

Uma vez compreendido esses fatores, pode-se imaginar mudanças necessárias para as mesmas, como propagandas do Estado mostrando as reais dificuldades do professor, sem minimizar suas frustrações, uma vez que as mesmas são dignas, e que afetam não só a carreira e a saúde mental dos docentes, mas toda uma sociedade que tem como base a educação para transformar o mundo.

## REFERÊNCIAS

BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de educação**, n. 30, 2008.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum. Education**, v. 34, n. 02, p. 157-168, 2012.

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo, Capivari**, v. 1, n. 4, p. 30-38, 2010.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 679-684, 2006.

CRUZ, Priscila Aparecida Silva; DE FREITAS, Silvane Aparecida. Disciplina, Controle Social e Educação Escolar: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. **Revista Levs**, n. 7, 2011.

DA SILVA MOURA, Juliana et al. A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente**, v. 19, n. 40, p. 01-17, 2019.

DAMASCENA, Fabiana Lúcia Barbosa. O magistério como profissão: subversão da desvalorização do professor. **Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, n. 27, p. 94-107, 2019.

DOS SANTOS, Paulo Gabriel Franco. Por um projeto crítico de formação docente: a profissionalidade e a luta pela autonomia. **Em Aberto**, v. 35, n. 115, 2022.

FELIX, Camila Mesquita et al.. A ROMANTIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E O DISCURSO DA POSITIVIDADE TÓXICA: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL.. In: **Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente**. Anais...Redenção(CE) UNILAB, 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação é prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, P. S. **Um estudo de caso analisando a infraestrutura das escolas de ensino fundamental**. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, v. 9, n. 23, p. 137-159, set./dez. 2014.

GOMES, Fernanda Oliveira Costa et al. **As dificuldades da profissão docente no início da carreira: entre desconhecimentos, idealizações, frustrações e realizações**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

HUBERMAN, Michael, et al. O ciclo de vida profissional dos professores. **Vidas de professores**, v. 2, p. 31-61, 1992.

MARRACH, Sonia Alem et al. **Neoliberalismo e educação**. Infância, Educação e Neoliberalismo. São Paulo: Cortez, p. 42-56, 1996.

MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo**: antigo e moderno. É Realizações Editora Livraria e Distribuidora LTDA, 2016.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo, SP: Boitempo, 2005.

NOBRE, Marcos. **O marxismo da teoria crítica**. Fundadores do pensamento. Rede Cultura, 2003.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. Os professores e a sua formação. 2. ed. Lisboa: Publicações **Dom Quixote**, 1995. p. 16-33.

REIS, Ana Carolina et al. O “novo normal” no campo da educação. **Princípios**, v. 40, n. 160, p. 225-245, 2021.

RIBEIRO, D. Ensaio Insólitos. Porto Alegre: **L&PM**, 1979.

ROSA, PR da S. Uma introdução à pesquisa qualitativa em ensino de ciências. **Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, 2013.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 1203-1225, 2004.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020.

SHIROMA, E. O.; EVANGELISTA, O. Estado, capital e educação: reflexões sobre hegemonia e redes de governança. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 4, n. 11, p. 21–38, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada, 2012.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Editora Vozes, 2013.

VILLANI, Alberto; FREITAS, Denise de; BRASILIS, Rosa. Professor pesquisador: o caso Rosa. **Ciência & Educação**, v. 15, n. 03, p. 479-496, 2009.

## APÊNDICE A - Perguntas da Entrevista Semi-Estruturada

1. Quando você ainda estava na graduação, ou iniciando na carreira docente, você tinha expectativas e ideologias sobre como seria o seu trabalho e atuação? Quais expectativas eram essas?
2. Qual sua opinião sobre os estágios durante a graduação? Como os estágios ajudam durante o processo da formação docente? Quais os desafios enfrentados durante esse período?
3. Depois de iniciar a carreira docente, e ao passar do tempo, essas expectativas foram suprimidas ou permaneceram iguais?
4. Como o trabalho como professor/a mudou a sua percepção sobre a própria docência, na sala de aula, na gestão, na sua relação com os alunos, etc?
5. Como as condições de trabalho (infraestrutura, salário, etc) atuaram na mudança ou criação/refutação das suas ideologias sobre a docência?
6. Você já ouviu das pessoas no seu convívio opiniões romantizadas sobre o trabalho docente? Quais eram essas opiniões?
7. Em relação ao Sistema de Ensino como um todo (Órgãos Públicos, ambiente escolar, comunidade, etc), você consegue encontrar discursos romantizados da atuação docente? Como esses discursos aparecem?
8. Você acredita que o sistema valoriza a atuação docente na sua íntegra, ou apenas romantiza discursos para gerar uma falsa percepção da docência para a sociedade?
9. Sabemos que a profissão docente oscila, às vezes se espera muito do professor e às vezes é retirado do mesmo as responsabilidades, como se sua profissão não fosse importante. Você consegue identificar as pressões que obteve na sua carreira e como elas acontecem? Você já passou por algo assim?
10. O que é ser professor pra você? Se nasce professor ou se torna professor? Como você analisaria isso? E para você o que não é ser professor?
11. Como as condições precarizadas na educação repercutem na sociedade? Você consegue lembrar algum episódio que remete a essa precarização, ou discursos? Como a comunidade escolar lida com isso?

## **APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO (DME)

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**(Resolução CNS 510/2016)**

#### **IDEALIZAÇÃO E (DES)VALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE NA VISÃO DE PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO**

Eu, Larissa Rodrigues Zacharias, estudante de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o (a) convido a participar da pesquisa “As idealizações do trabalho docente a visão de professores do Ensino Público sobre a valorização da sua profissão na cidade de São Carlos” orientada pelo Prof. Dr. Michel Pisa Carnio.

O trabalho docente é um dos agentes da educação, em que se encontra no dever, em conjunto do aluno, na formação do ensino-aprendizagem inerente a todos os cidadãos, sendo então um mediador e trabalhador social na construção de uma sociedade mais igualitária. Para compreender o trabalho docente é importante entender o que o afeta em todas as suas esferas, principalmente ao idealizarmos como esse trabalho deve ser sem realmente conhecê-lo na sua íntegra, criando falsas expectativas e romantizando situações precarizadas. O objetivo, então, deste estudo é compreender elementos de idealização e (des)valorização da profissão docente na visão de professores do ensino público.

Você foi selecionado (a) por ser profissional docente do sistema de ensino público da cidade de São Carlos/ SP, cidade onde o estudo será realizado. Você será convidado(a) a responder uma entrevista semiestruturada com tópicos sobre a sua experiência profissional desde a graduação, com as expectativas sobre o trabalho docente, e depois na atuação nas escolas, se deparando com a realidade da mesma, além de opiniões a respeito do sistema educacional e como a sociedade atua na escola.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações e também constrangimento e intimidação, por ser um tema que se refere ao seu trabalho. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-la e encaminhá-la para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que

poderão trazer benefícios para a área tanto da Formação de Professores como da Licenciatura em si, para a construção de novos conhecimentos e para o reconhecimento de ideologias que afetam o trabalho docente. A pesquisadora realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras ou pseudônimos, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas. As gravações realizadas durante a entrevista semiestruturada serão transcritas pela pesquisadora, mantendo o mais fidedigno possível, e serão utilizadas, de forma anônima, para coletar os dados a partir de análises dos discursos de cada participante.

Todas as despesas com o transporte e a alimentação decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta. Você receberá assistência imediata e integral e terá direito à indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP)** da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos-SP. Telefone: (16) 3351-9685. E-mail: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento: das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)** do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877 E-mail: conep@saude.gov.br.

**Dados para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):**

Pesquisador Responsável: Larissa Rodrigues Zacharias

Endereço: Rua Mauro Sciasci, número 52, Jardim Tijuca. São Carlos - SP.

Contato telefônico: (16) 99762-5553

E-mail: larissarz@estudante.ufscar.br

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.**

Local e data:

---

Nome do Pesquisador

---

Nome do Participante

## APÊNDICE C - Tabelas de Categorias das Entrevistas

**Tabela 1.** Fala dos entrevistados a partir do que eles trouxeram sobre idealização da educação e profissão docente. Categoria de “Idealização”.

Idealização	
Entrevistados	Respostas
<b>B</b>	<p><i>“Eu acho que a minha turma de forma geral pensava assim, que o fracasso do ensino, o fracasso da escola enquanto instituição era porque os professores estavam cansados, desmotivados, ou porque...né, qualquer coisa que a gente saindo de lá com a nossa formação teria facilmente contornado, que seria assim ‘sangue novo’, a gente ia dar conta de mudar porque a gente queria ser professor, tinha vontade de dar aula, sempre gostou disso, então a nossa prática seria diferente do que a gente tava acostumado”.</i></p> <p><i>“E aí eu tinha esse dois modelos né, professores de escola pública que mais faltavam do que iam, escola com um monte de aula vaga, e era o que eu não queria, eu queria ser diferente, eu queria ser parecido com os meus professores do Ensino Médio”.</i></p> <p><i>“Mas assim eu me espelhava neles, eu queria ser...eu tinha expectativas de que a minha aula ia ser diferente, de que eu não ia me deixar abater, que assim, que estava nas minhas mãos, que a aula seria ruim ou boa só dependia de mim, era essa a minha expectativa.”</i></p> <p><i>“[...] quando eu entrei mesmo na graduação, e...a gente tinha uma percepção do docente como autoridade máxima em sala de aula, autoridade de cátedra, de domínio de conteúdo, de poder preparar as aulas com autonomia.”</i></p> <p><i>“[...] eu sempre pensei na docência numa forma de ajudar as outras pessoas, ensinar e ser importante, na importância mesmo de você ensinar, na importância da educação, pra tudo né, pra todos os aspectos da vida.”</i></p>

	<p><i>“[...] servindo, como se fosse assim uma obrigação, dever moral, servir ao aluno e servir ao aluno no sentido de passar mão na cabeça, de ser permissivo.”</i></p> <p><i>“Então eu acho assim, a gente...<b>será que é os dois?</b> Será que a gente nasce predisposto, porque eu gosto muito de ensinar e eu...tudo assim, não só biologia, mas eu sempre fui muito de ser solícita, né, de acompanhar, de ensinar mesmo. Então eu não sei.”</i></p> <p><i>“Mas não sei, eu acho que tem algumas pessoas que, não sei, existe dom? Dizem que não existe né, isso de dom, que é tudo aperfeiçoamento. Não sei...porque eu acho que eu sempre tive um pezinho assim na...talvez seja...tenha nascido com um pezinho na profissão mesmo. Não sei.”</i></p>
C	<p><i>“Sei lá, ser professor...deveria ser legal também.”</i></p> <p><i>“Assim, eu não tinha grandes ideais, achava que podia ser um bom professor, imaginava que eu tinha um certo carisma, uma maneira tranquila de ensinar assim [...]”</i></p> <p><i>“[...] na verdade eu tinha a imagem que os professores que fazem a diferença são aqueles que se relacionam bem com os alunos, não numa questão de puxar saco né, mas numa questão de você tratar as pessoas como você gostaria de ser tratado né [...]”</i></p> <p><i>“E aí quem eu me relacionava melhor, eu aprendia um conteúdo melhor, foi o que também me trouxe pra biologia, assim.”</i></p> <p><i>“Acho que o meu ideal era um pouco disso assim, era ter uma boa relação...se fosse ser professor de fato, era ter uma boa relação com os alunos, e ser um professor que de fato conseguia...a partir da conversa, construir coisas juntos. Acho que era isso assim, meu ideal, ideia de ser professor mais romantizado assim né, existia um certo romance nisso.”</i></p> <p><i>“E a minha turma especificamente era uma turma, uma licenciatura muito coletiva, muito...meio que se identificava com isso assim, de</i></p>

educação. Então também acho que construiu isso rápido, individualmente e coletivamente assim.”

“[...] acho que o ideário do professor que as pessoas tem de tipo “aí eu vou fazer a diferença”, a gente faz a diferença mas né, não muda o mundo inteiro.”

“Eu não culpo essa visão idealizada por parte da sociedade, de uma idealizada legal, que isso é uma idealizada legal. Porque isso é ‘ah professor, um trabalho muito bonito e tal’. Mas rola também uma visão de ‘nossa, mas você só dá aula? O que mais você faz?’. ‘Não, é isso mesmo, eu sou professor’. ‘Ah, mas você é só professor?’. Não, eu sou professor. Não é só, é bastante.”

“Mas já passei por isso...por esses dois tipos de esteriótipo eu diria, não sei nem se é uma idealização, eu diria que é o estereótipo, do professor que é o professorzinho da escola da novela das 6 assim, e ter uma certa importância no bairro, e o professor bagaceira que dorme na sala de aula e chega de ressaca. Já vi esses dois.”

“Ah, com certeza né. Só você pegar as representações das Secretarias né, nem só nos períodos de eleições, né, qualquer propagandinha que você pega é idealizada né. ‘Olha as carteiras novas para os alunos de São Carlos! São Carlos fazendo por você!’, ‘Olha o Novo Ensino Médio, olha que beleza que ele vai ser!’. O que se vende do poder público, do sistema, da secretaria, do estado, das secretarias municipais, né, nessa parte do poder público, é uma idealizada, que o professor ganha bem, que tem boas condições...na verdade é só isso, nunca que vão falar o contrário”

“[...] eles vendem a imagem do serviço que eles vendem, seja no público né, que é isso. Tudo é muito bom, tudo é muito bom sempre, olha como foi legal a pandemia, olha os programas que a gente fez aqui pros alunos em sala de aula, olha como eles tem condição de aprender.”

“[...] existe essa parte de mostrar o que tá sendo feito, e esse mostrar está sempre sendo idealizado, só que é uma disputa interna que existe

	<p><i>ali dentro que a gente não pega, acho que é só pega quem trabalha no role né.”</i></p> <p><i>“[...] eu acho que essa visão do professor meio instrutor, transmissor eu acho que existe muito ainda, é muito forte, acho que é uma visão idealizada do que é ser professor, inclusive, pelas pessoas de fora, ou pelas pessoas que passaram por essa educação, que é quase todo mundo né.”</i></p>
<b>A</b>	<p><i>“Desde pequena eu queria ser professora, eu achava que ser professora era ensinar. Então eu cheguei e achei que ia acrescentar, mas assim no conhecimento [...]”</i></p> <p><i>“A experiência é ser uma professora de filme né, passar matéria, todo mundo aprender, mas não é a realidade. “</i></p> <p><i>“Porque daí eu achava que era fácil lecionar, fui criando expectativas, e dei a cara a tapa pro Estado né.”</i></p> <p><i>“Então eu, na minha opinião, eu acho que eu nasci com esse dom, porque eu sempre gostei de ensinar os outros, aprendi ensinando, sempre gostei de conversar, orientar, mandar, sempre gostei também (risos).”</i></p>

**Tabela 2.** Fala dos entrevistados a partir do que eles trouxeram sobre a quebra de idealização/expectativa. Categoria “Quebra de idealização/expectativa”.

<b>Quebra de idealização/expectativa</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<b>B</b>	<p><i>“A gente ficava na porta, tentava ensinar alguma coisa, quando falávamos, o que era frequente, a gente sentava na porta e ficava esperando o tempo passar. Então assim, foi um choque muito grande porque a gente achava que era aquilo que ia ter dali pra frente né. É isso que é dar aula? É ficar de babá de aluno? Porque a gente não está conseguindo ensinar nada né”.</i></p>

	<p><i>“Mas eu acho que aconteceu os dois né, eu ainda guardo algumas coisas da graduação pra vida assim de.. na minha prática mesmo que eu segui, eu não deixei todos os meus ideais de lado digamos assim,mas é totalmente diferente, totalmente diferente...o que você acha que é bom, é bom diferente, o que você acha que é ruim, é pior (risos).”</i></p> <p><i>“Eu acho que foi a principal diferença que eu senti, não só em relação à autoridade, em relação aos alunos, que é muito diferente né do que eu tinha vivido enquanto aluna.”</i></p> <p><i>“Mas de desrespeito, sabe? Desrespeitar professor enquanto pessoa em sala de aula, de ouvir baixaria, de ouvir desaforo, a gente ouve muito desaforo em sala de aula, você se sente assim pior que nada né, como se você fosse um nada ali, como se todo seu conhecimento, como se toda...é...como fala? Como se toda a sua capacitação profissional não significasse absolutamente nada ali né, como se você tivesse falando pras paredes.”</i></p> <p><i>“Mas acho que foi uma das principais diferenças assim, eu não achei que eu fosse ser tão desrespeitada. E pela escola também. Pela direção não no sentido de desvalorização do trabalho, mas no sentido de...não enxergam o nosso lado às vezes sabe, é como se a gente fosse mais uma peça ali descartável, e como se gente fosse substituível, simplesmente, e falta de liberdade também”.</i></p>
C	<p><i>“Olha, eu acho que em parte continuaram as mesmas assim né. Acho que aquela primeira de que era tratar bem os alunos acho que eu mantenho isso bem, até de maneira geral né.”</i></p> <p><i>“Então eu acho que alguma parte da...dos ideários de professor que eu tinha quando eu tinha quando tava me informando existiam ainda, mas eu acho que tem um que caiu, que é aquela síndrome do super herói, que você acha que você realmente vai resolver a vida daquele aluno, que você vai mudar muito a vida dele né”</i></p> <p><i>“Então tem essa frustração da gente não ver o produto final né. Não existe esse produto final, a gente tá falando de ser humano né.”</i></p>

	<p><i>“[...] provavelmente você deve ter ouvido, de eu falar assim que nem fico na sala dos professores pra ficar evitando aquele clima tóxico, que os professores ficam falando né, porque meu medo era justamente virar um professor daquele, de ficar "ah porque fulano não quer saber de nada, ah porque ciclano não presta", porque a gente só tende a olhar a pessoa no momento que ela tá ali...enfim né [...]"</i></p> <p><i>“Mas esse complexo de "ah eu preciso salvar a todos e tudo" acho que cai a partir do momento que você vive o mundo real assim né. “</i></p> <p><i>“Então pra mim, as relações sociais que a gente encontra na escola e no dia a dia, no fazer pedagógico, no fazer cotidiano ali, eu acho que ela muda bastante a ideia de que você tem de escola, como um espaço estanque né”</i></p> <p><i>“Eu falo...eu tenho lugar de fala pra isso, eu cresci playboy, eu era bem playboy, eu estudava no Coque em Ribeirão Preto sabe, eu estudei só em escola particular a vida toda, então na hora que eu cheguei no estado eu tomei várias voadoras de realidade assim, que é estar no estado né.”</i></p> <p><i>“Tem gente que gosta de trabalhar com desenho então, eu acho que a gente não tem um dom, professor é pessoas que tem disposição a trabalhar, conversar com ser humano assim né. Mas acho que a gente se forma, e todo mundo de certo ponto é, isso é um fato assim, todo mundo é professor de alguém em alguma coisa.”</i></p>
<p><b>A</b></p>	<p><i>“[...] mas quando eu comecei a lecionar eu vi que não é bem isso ser professor, é a construção do indivíduo.”</i></p> <p><i>“Não, elas se transformaram. Elas se transformaram, porque quando eu tava em formação eu achava que era uma transmissão de conhecimento né. E hoje eu vejo que meu papel é formação de cidadão. Como um indivíduo integral, então eu não me sinto como professora mais, minha expectativa não é ser uma professora, é ser uma pessoa que apoia aquele aluno a crescer e a ser alguém.”</i></p> <p><i>“[...] se não tiver empatia, se você não conseguir sentir pelo outro, não precisa ser professor, porque a nossa realidade vem um pouco pra isso né.”</i></p>

	<p><i>“E ninguém respeitava a gente, simplesmente ninguém respeitava, eu gritava, gritava, queria passar lousa. Até que eu falei “oh, pera aí...por que eles não estão me respeitando?”. Aí eu percebi que eu tinha que me conectar, ter uma linguagem...por que do aluno ser assim? E a partir do momento que eu comecei a entender o aluno, a entender o contexto do aluno, eu comecei a lecionar.”</i></p>
--	---

**Tabela 3.** Fala dos entrevistados sobre a importância/interferência do estágio para a atuação docente. Categoria “Importância/interferência do estágio para a docência”.

Importância/interferência do estágio para a docência	
Entrevistados	Respostas
<p><b>B</b></p>	<p><i>“No fundamental, por outro lado, eu já gostei mais, e eu acho que eu tive mais oportunidade de aprendizagem assim, eu tive alunos da educação especial na sala de aula [...]”</i></p> <p><i>“Ah, isso com certeza né, porque a gente aprende a dar aula dando aula né, são os conhecimentos pedagógicos e conteúdo né, como é que você tira o conteúdo do livro e põe no dia-a-dia da criança, então...nossa, faz toda a diferença [...]”</i></p>
<p><b>C</b></p>	<p><i>“O estágio prepara bem até uma parte também, que acho que a outra que falta também, pra além do estágio, é essa vivência da realidade da escola né, porque o estágio às vezes você vai pontualmente na sua aula, vai pontualmente na escola pra uma coisa ou outra, e não dá conta de entender as dinâmicas políticas que envolvem a realidade da escola, os posicionamentos políticos que você têm que arcar enquanto funcionário público, enquanto pessoa física, enquanto educador né[...]”</i></p> <p><i>“O estágio é muito importante, porque acho que depende muito também do professor que tá puxando o estágio, do supervisor no caso da escola. Eu acho que tem estágios e estágios né. O meu estágio especificamente foi muito importante assim, que foi um estágio que a Ana Perdigão né colocava a gente na escola o ano inteiro praticamente [...]”</i></p>

	<p><i>“[...] a Ana Perdigão era uma professora que fazia meio que questão de ver os planos de aulas sempre antes das aulas acontecerem, então ela encontrava a gente, via nossas aulas, o que a gente tinha pensado em fazer, pergunta, propunha questões, propunha ferramentas, jeitos de apresentar, e depois ela...a gente ia na aula, fazia a aula, e depois a gente quando encontrava de novo pra falar da outra aula a gente já fazia a avaliação. Então foi muito fabuloso assim, ela se desdobrou muito pra isso funcionar [...]”</i></p> <p><i>“Eu acredito que o estágio é meio que uma amostra grátis do que você vai encontrar no dia a dia, só que um pouco mais de estrutura [...]”</i></p> <p><i>“Então acho que é um pouco desse caminho assim, acho que te prepara de fato pro chão mesmo, pra linha de frente, que a teoria nunca vai dar conta, que...você pode discutir o que for na relação de uma sala de aula, da relação professor e aluno, de como os professores têm ferramentas, temas que você não vivencia a vida de fato do professor né, que é a parte de linha de frente mesmo né, que tem as potências mas também tem os sofrimentos, tem as escolas cabeludas, e tem as dificuldades com os alunos né, não é só flores. Então acho que é muito imprescindível assim, os estágios são, sei lá, 50% do curso de licenciatura [...]”</i></p> <p><i>“Mas de maneira geral eu acho que a articulação entre pessoas dentro de uma escola é algo que a nossa formação não dá conta, por exemplo, nem no plano teórico, nem no plano prático assim. Acho que vocês que passaram pelo PIBID conseguiram notar coisas mais a fundo do que alguém que fez só o estágio, por exemplo. Eu acho que o estágio tem bem um objetivo específico didático, processual, de entender ferramentas de aprendizado, de conteúdo, outros tipos de conhecimentos que não só o conteúdo.”</i></p>
<p><b>A</b></p>	<p><i>“Na verdade não me ajudaram. Eu fiz estágio na escola que eu estudava, aquilo né, uma escola particular, onde o pai paga, então é totalmente diferente do ensino público. Então no estágio eu sentava lá e simplesmente assistia uma aula. O professor falando, os alunos dialogando, conversando, interagindo. E daí na hora que você chega no ensino público, você vê que não é assim. Não é o professor entra na sala de aula e vai dar a sua aula né. Então é bem diferente. Então pra mim o estágio não acrescentou.”</i></p>

	<p><i>“Em relação a faculdade, era totalmente questões bibliográficas né, você tinha que referenciar tudo, mas nada mesmo que acrescente, nada.”</i></p> <p><i>“[...] não que não atrapalhou, às vezes eu poderia ter aderido mais experiência, às vezes poderia ter chegado na sala de aula com um pouco mais de experiência né. Só que às vezes eu poderia ter desistido, porque você com 18 anos entrar numa sala de aula...então acho que foi bom, para mim foi bom.”</i></p>
--	---

**Tabela 4.** Fala dos entrevistados sobre a sobrecarga que sentem na atuação docente. Categoria “Sobrecarga do Professor”.

<b>Sobrecarga do professor</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<b>B</b>	<p><i>“[...] na época não tinha professor da educação especial apoiando, então era só a gente tendo que lidar com situações que a gente nunca tinha aprendido a lidar né, ainda. Mesmo nas disciplinas de licenciatura a gente não tem esse tipo de formação né [...]”</i></p> <p><i>“E aí, ó, foi 2015 isso, 2015, 2016 eu entrei no mestrado, aí eu só dava aula de noite, porque como eu estava no mestrado né, eu ficava no mestrado até as 18h, eu fiquei eventando 2016, 2017 e 2018 à noite pra complementar renda né.”</i></p> <p><i>“E eu dei a ocorrência pra ela trocando de sala, porque a gente não tem tempo em sala de aula pra dar conta de tudo.”</i></p> <p><i>“Tem que ser tudo eu. Tudo eu numa aula de 45 minutos, tendo que fazer chamada online, tendo que fazer registro da aula online, porque todo fim de semana a diretora manda lá no chat com todos os professores a lista de quem não colocou, a lista de quem está desatualizado no diário digital, entendeu? Então a gente acaba delegando ou deixando de lado as tarefas que funcionam pro convívio do aluno, pra formação cidadã do aluno, a gente tá deixando passar,</i></p>

	<p><i>porque a gente não tem...não tem meios pra fazer funcionar, entendeu? A gente não tem espaço pra fazer isso dar certo. Infelizmente.”</i></p>
<b>C</b>	<p><i>“[...] a gente não sabe pra onde a gente manda alguém que tem uma família que precisa de um serviço de atendimento psicológico em São Carlos. Pra onde a gente manda, pro capes? Manda pra UBS pra primeiro abrir um chamado pra ir de um generalista pra um especialista né. E se for assistente social, o que que precisa? Então esse tipo de coisa acho que a gente também consegue aprender se você é um professor ou um profissional que tá mais sensível, de novo, é o lance da empatia”</i></p> <p><i>“[...] vai perder muita saúde né, porque muitos professores trabalham 60 horas semanais né. Trabalha no estado, mas trabalha também em alguma escola particular né, pelo menos a maioria dos professores do Jesuíno eram assim, trabalhava 30/30 né. Então assim, a condição de salário do professor é muito ruim, e assim é isso, a condição de progressão funcional dentro era ruim e agora com essa virada que foi, foi uma parte que fez eu também exonerar.”</i></p> <p><i>“Eles usam...ah, se a aula tem 50 minutos, então sua hora aula é 1 hora, então os seus outros 10 minutos, mais os outros 10 que sobra de cada aula, tá aí o seu tempo de preparo, que é o tempo de você basicamente se deslocar de uma sala pra outra, apagar a lousa...[...]”</i></p>
<b>A</b>	<p><i>“Ela precisa de um alicerce. Aí que entra o mentor, do que eu falei que o professor não é só passar conteúdos. A gente, não sei se tá certo ou errado fazer, a gente tá fazendo o papel que a família não faz. Então a gente virou pai, a gente virou mãe, a gente virou amigo, não só professor.”</i></p> <p><i>“O professor pode ser ruim, mas a gente tá tendo cobrança viu. Tem cobrança por parte dos alunos, da gestão, agora com essa prova Paulista qualquer um acessa meu serviço, meus dados. Acho que o problema tá sendo esse alicerce, a escola constrói, mas como você vai construir sem um alicerce? Não tem como né. Acho que esse é o grande problema.”</i></p>

**Tabela 5.** Fala dos entrevistados sobre a sua contínua formação docente após se

tornar professor. Categoria “Contínua Formação Docente”.

<b>Contínua formação docente</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<b>B</b>	<p><i>“[...] porque a gente aprende a dar aula até hoje, eu nunca deixo de aprender a dar aula né, mesmo com esse tanto de anos na profissão já, sempre um aprendizado”</i></p> <p><i>“Porque a gente...eu pelo menos todo dia estou aprendendo coisa nova que pode melhorar minha prática de ensino.”</i></p> <p><i>“A gente nunca vai ser...a gente nunca não pode melhorar, a gente sempre pode melhorar, ser um professor melhor, isso a gente pode com certeza.”</i></p>
<b>C</b>	<p><i>“Cara é muito aberto né, acho que ser professor pra mim, acho que a primeira coisa é aprender muito assim, sempre fiquei nessa pira, que entrar na sala de aula, entrava pra ensinar, mas era muito pra aprender assim”</i></p> <p><i>“Então pra mim é um espaço muito de aprendizado assim, ser professor...hoje em dia eu extrapolo pra educador assim, né. É um momento pra mim que eu sinto que eu aprendo muito, tem dia que eu aprendo mais, tem dia que eu aprendo menos, tem dia que eu não quero aprender nada, tem dia que eu to na gana de fazer um monte de coisa.”</i></p> <p><i>“Se ele acha que ele é a última bolacha do pacote, ou ela também, pessoa que tá ali na frente, educador ou educadora, que tá ali na frente e acha que só ela tem a dizer algo, que só ela tem a apresentar algo, a transmitir algo, acho que aí já não é bem a ideia pra mim de professor, pra mim isso é mais um palestrante talvez, um ted talk, um negócio mais assim.”</i></p>
<b>A</b>	<p><i>“Tanto que agora o Estado tá tendo a prova Paulista, né. E o primeiro bimestre os meus alunos do 7º ano da prova Paulista acertaram só 30%, porque a gente não tinha essa relação. E eu falava eu não sei o que eu vou fazer. Agora com o 2º bimestre foi pra 76%. Subiu 40%. Mas por quê? Você vai conhecendo o aluno, envolvimento, sabe, não é</i></p>

	<p><i>uma questão de gostar do professor, mas influencia também.”</i></p> <p><i>“Mas eu não falo que pra ser professor é só o diploma, então não sei. Pode ser que às vezes a pessoa ao longo da vida percebe o que gosta, vai se descobrindo, é difícil falar se nasce ou não...é uma construção, ser professor é uma construção. Acho que não nasce não, é construído.”</i></p>
--	---

**Tabela 6.** Fala dos entrevistados sobre a desvalorização docente. Categoria “Desvalorização Docente”.

<b>Desvalorização docente</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<b>B</b>	<p><i>“[...] quero trazer um kit do CDCC, aí eu tenho carro, beleza, que já é muito mais do que muitos professores, você ter um transporte próprio. Aí você chega na escola, não tem estacionamento, tem que parar o carro 4 quarteirões de distância, e isso é recorrente no meu dia a dia no Guião. Aí você vai carregar essa caixa do CDCC como?”</i></p> <p><i>“[...] a logística é muito difícil, e essa logística ser muito difícil esbarra em você ter que pegar muitas aulas pra ganhar o mínimo. Entendeu? Eu acho que está muito associado isso daí, porque se a gente tivesse de fato um salário coerente com o nosso trabalho, com o trabalho que a gente tem pra preparar uma aula de qualidade, com certeza não ia tá do jeito que tá a educação, sabe, a gente ia ter mais motivação porque ia ser...porque ia ter muito menos perrengue, é nesse sentido que eu falo do salário, porque você ia poder ficar numa escola só, com poucas aulas, você ia conseguir administrar o seu tempo melhor, você ia conseguir usar o tempo pra ir buscar um negócio no CDCC né, tudo isso demanda tempo.”</i></p> <p><i>“Então é difícil, a gente muitas vezes paga pra trabalhar.”</i></p> <p><i>“[...] aí de que professor não quer dar aula, de que professor é vagabundo, de que a gente recebe pra...ah que nem na pandemia né, que a gente ‘recebia para ficar em casa’”.</i></p>

*“Então a gente não teve sossego, a gente não teve um segundo de paz na pandemia, no ensino remoto. E o que eu mais ouvia era que a gente não tava fazendo nada, que a gente tava dando aula por whatsapp. Eu falei, sim eu tava dando aula por whatsapp, isso é péssimo! Não é fácil. Isso não é fácil.”*

*“E quem que inventa essas coisas? Não é possível que tenha ficado 1 dia numa sala de aula, não é possível. Porque cada ideia que vem, é óbvio que não vai funcionar, que não vai dar certo. E eu não sei de onde eles tiram, quem que suporta esse tipo de coisa, quem que valida esse tipo de ideia maluca que eles têm, né. Da educação. Essas coisas que eles inventam, e que é óbvio que vai “flop” e a gente tem que engolir, e a gente é obrigado a engolir.”*

*“Então, por exemplo, eles mostram isso pros pais dos alunos, essas supostas facilidades, e aí quando o professor reclama o pai do aluno vai dizer que esse professor tá reclamando sem motivo.”*

*“Então é um jeito sim de você enfraquecer o professor perante a sociedade, de todos os nossos... uma forma de todas as nossas reivindicações virarem mi-mi-mi aos olhos da sociedade. Porque aos olhos da sociedade, de acordo com a mídia passa, tá tudo perfeito, tá tudo muito bom, e não é.”*

*“É assim, professor, ele é muito enquanto ele tá te fornecendo alguma coisa, e essa coisa é o que você quer, e não o que você precisa, mas o que você quer. O que você na sua cabeça acha que é bom, então por exemplo, eu pensando nos pais dos alunos assim, eu sou respeitada enquanto os alunos estão tendo aula, frequência, e tão com nota. Mas se em algum momento eu reclamo da criança, de algum comportamento, aí já muda da água pro vinho.”*

*“Então muda muito né. Muda de acordo com o setor da sociedade que você está conversando, se é um pessoal que...por exemplo, casado com professora, casado com professor sabe o que é o dia a dia, ou uma pessoa que é só pai ou mãe de aluno, muda, já muda.”*

*“Todo mundo que nunca tinha pisado em sala de aula passou na minha frente. Todo mundo. Porque eu pus 20 aulas, porque eu não queria ficar*

	<p><i>54 aulas dentro da escola, com essas APDs obrigatórias, que tem que ser cumpridas em escola né, eu não queria, eu peguei só as 20. E aí eu fui lá pro fim da fila.”</i></p> <p><i>“Agora você tem engenheiro em sala de aula, você vê pessoas com as mais diversas formações profissionais, e tudo porque é fácil, né? É fácil agora entrar no banco de talentos, colocar 30 (aulas) e passar na frente de todo mundo.”</i></p>
<p><b>C</b></p>	<p><i>“Então, quando eu entrei na graduação, na época que prestei vestibular era uma questão mais de candidato, achei que era mais fácil passar, e de fato era, quando eu prestei.”</i></p> <p><i>“ Eu exonerei em abril, falei "pra mim tá bom, já deu". Já tava me tirando a saúde né, justamente porque é isso...é chegar a conclusão que era melhor eu parar antes que eu batesse os pinos [...]”</i></p> <p><i>“E dos 10 anos já consegui uma evolução funcional por mestrado, e uma evolução funcional por mérito, porque ficou congelado, e aí tem os momentos de congelamento de salário na carreira, ou congelamento de progressão na carreira, então assim, o que a gente vê é o desmonte mesmo né, desmonte do sistema de servidor público né”</i></p> <p><i>“[...] inclusive desse concurso que vai ter...”nossa o professor tá ganhando bem agora, 5 mil, que coisa”, que bom né, pena que não vai tudo isso pra aposentadoria da pessoa, porque é isso, uma grande parte fica pro subsídio né, então não é tudo aquilo que você tá contando pro fim da sua carreira, que você tá mais arrebitado, se você resolver fazer uma carreira de professor, né”</i></p> <p><i>“Então acho que tudo isso vai acumulando ali, vai virando uma panelona de pressão né, fora a pressão que tem da Secretaria de Ensino, das Diretorias que ficam em cima dos diretores, né, que trazem a pauta da organização né, que falam que a escola tem que ser autônoma, ter seu próprio projeto político pedagógico, mas no fundo o que a gente vê são só certas burocracias que...eu nunca li o projeto político pedagógico da minha escola, pra você ter ideia. Construímos juntos, tava lá engavetado, então assim, as burocracias que deveriam ser úteis pro negócio funcionar, pra gerar autonomia nas escolas, não</i></p>

*rola né, aí vira uma panela de pressão, e o professor fica sem estrutura e sem apoio pra lidar com a realidade mais violenta que a gente encontra hoje assim.”*

*“Mas pra além da infraestrutura, acho que essa estrutura de...estrutura organizacional do trabalho assim, estrutura de como o trabalho se coloca pro professor, como se coloca pra esse profissional, e como se...se desvaloriza na verdade né, esses tempos e essas importâncias, acho que arreventa com a visão do professor sobre ele mesmo na escola assim.”*

*“[...] num lance de entender que ganha mal, que é desvalorizado né, não é respeitado, existe um desrespeito muito grande da figura do professor em sala de aula.”*

*“Mas acho que isso também tem muito a ver com como a escola foi mudando né, como ela foi abrindo acesso a várias pessoas também, enfim. Como ela foi sendo desmontada também né, porque um tempo atrás se tinha mais concurso, quando não era pra todo mundo mesmo né.”*

*“É um lugar de tensão né, então assim...eu acho que tem muita gente que trabalha nos cargos que são de ... que tão na frente das políticas públicas né, seja o de gestão nas Diretorias de ensino, nas secretarias de ensino, como também os que tão no legislativo, que às vezes tão dentro das câmaras, os vereadores, das assembleias de deputados estadual e federal, que de fato tem interesse na valorização do trabalho do professor né, e na valorização do cargo, dá valorização do que que é a educação, do que que é a educação pública. Mas isso é um lugar que tá em disputa e a gente tá meio que perdendo né, é isso que acontece assim”*

*“Então é isso, a gente perde os dinheiros de repasse do FUNDEB, do fundo da educação né, nunca que a gente consegue o dinheiro que é prometido, sempre cai, o teto de gastos, eu acho que é um negócio que arreventou assim também o funcionalismo público, e com as políticas de garantia, que o Estado tem que garantir né. Então é, eu acho que é muito mais a disputa a nível nacional, acho que a gente tá perdendo até mais assim, no sentido dos repasses financeiros.”*

	<p><i>“Mas as desvalorizações também eram colocadas a todo momento assim. Principalmente acho que a relação professor e família é muito zoada, que é uma relação que a família só é chamada na escola pro aluno tomar esporro, dar esporro na família porque o aluno tá indo mal, ou quando o professor fez alguma coisa com o filho, aí o pai, ou a mãe ou a família vai lá e tira satisfação assim né.”</i></p> <p><i>“Então eu já senti esse lado de desvalorização da imagem do professor também com a parte da família assim, com a parte da gestão aí eu acho que entra na parte das cobranças né, que embora no estado também, dependendo da escola, as cobranças também acontecem mas assim, você tem os prazos, as vezes atrasou mas você entrega também, acho que a desvalorização é o cotidiano que coloca, na verdade, como que...que condição a escola te dá de trabalhar.”</i></p> <p><i>“Quando você tá fazendo um negócio muito legal todo mundo quer valorizar você, mas quando as coisas estão difíceis ninguém te acolhe assim né, não existe um acolhimento tão fácil dentro do cotidiano assim. Acho que é mais esse caminho.”</i></p> <p><i>“Principalmente no estado e escola pública, porque é aonde que eu consigo atuar de uma maneira que eu não vou perder a saúde e os alunos também não vão ficar passando mal e que a gente ache um meio termo assim, acho que é uma negociação.”</i></p> <p><i>“[...] mas o que a gente vê hoje em dia é desvalorização do cargo de professor, da carreira do professor, muito tempo de hora de trabalho desses profissionais, então é...saúde mental extremamente abalada da galera né, é isso né. Muito professor já passou e tirou a licença médica, licença saúde, principalmente desse pós pandemia assim que eu notei foi isso assim, um boom muito grande de violência nas escolas, não que antes não tinha né, mas o pós pandemia foi uma galera que não sabia lidar com diferença [...]”</i></p>
<p><b>A</b></p>	<p><i>“E dentro da integral estou me condicionando a ter essa hierarquia. Eu não gosto, eu particularmente não gosto, eu sinto que não tenho a liberdade com a gestão [...]”</i></p> <p><i>“Se eu pensar no mercado, comparado ao mercado de hoje, eu recebo</i></p>

*bem, eu recebo bem. Dez por cento da população recebe essa renda? É um salário bom. Só que qual é o problema? O meu trabalho. Eu tô comparando ao o que pra falar que isso é suficiente? Porque eu tive que ter a minha formação, e a minha formação é constante. Eu sou professor 24 horas, porque você atende o aluno em diversas horas. Professor vai ser professor no final de semana também. Eu ganho bem, comparado ao mercado, mas se ver a remuneração pelo trabalho que eu faço, pelo o que eu executo, pela minha função, eu recebo pouco, tá.”*

*“Ainda se é professor efetivo, professor concursado, ele sabe que a unidade dele é aquela. Mas eu sou categoria O, sou temporária. Então, final do ano meu contrato acabou. Aonde eles me jogarem, eu vou, ou eu não trabalho.”*

*“Em geral, tem a desvalorização no Brasil né, é o Brasil, não é o problema do nosso Estado, o Brasil desvaloriza nossa profissão.”*

*“A gente...eu convivo com professor né, só tenho amigo professor, só saio com professor, reclamam muito, por questões psicológicas mesmo, por toda a cobrança que a gente sofre, tá.”*

*“Eu particularmente gostei do material, minha única reclamação é que o material não dá pra executar no tempo que eles querem, quantidade, mas eles acham que só por ter aquilo tá tudo perfeito.”*

*“Desde a minha escolha, na época do colegial, eu senti a desvalorização, porque fulano quer ser empresário, outro quer ser advogado, e eu queria fazer educação. As pessoas tem uma ideia errônea de que você vai ser professor porque você não é bom em nada, então você não é bom em nada, vira professor, fácil! “*

*“E eu e meu colega éramos os únicos que faziam licenciatura, e a gente tinha aquele olhar...caramba, eu sou da UNESP, ou caramba meu pai paga 2 mil reais aqui que eu faço direito, e nossa você faz licenciatura sabe, sentia.”*

*“Eu tenho certeza que se eu for lá conversar eles têm interesse, “ah você é professora”, e eu não vejo o mesmo nos jovens. Então não sei*

	<p><i>se as pessoas precisam ter mais maturidade pra entender a valorização da profissão.”</i></p> <p><i>“Já o jovem, ele não entende ainda muito a importância. Acho que se você pegar um menino de 15 anos, 16, ele vai só falar da importância do professor quando ele precisar, entendeu?”</i></p>
--	--

**Tabela 7.** Fala dos entrevistados sobre a infraestrutura e suporte que encontram (ou não) no dia-a-dia das escolas. Categoria “Infraestrutura e Suporte”.

<b>Infraestrutura e suporte</b>	
<b>Entrevistados</b>	<b>Respostas</b>
<b>B</b>	<p><i>“Por exemplo, agora a gente tem TV em todas as salas de aula, tem Internet na escola, aí você tenta trazer alguma atividade diferenciada, que consiga ser utilizada nesse contexto, e aí a Internet não funciona (risos), a TV molhou por conta da chuva, e você não pode usar naquela semana especificamente. Ou nem isso, às vezes nem é fisicamente, estrutura física mas estrutura do dia-a-dia assim. Aí tem uma prova que tem que ser aplicada obrigatoriamente e atrapalha o que você tinha programado, então isso acaba dificultando muito pra gente né”</i></p> <p><i>“Porque você se preocupa com o conteúdo e não com o trabalho que você vai ter, um trabalho logístico, com os perrengues por trás disso daí, de fazer coisas diferentes, então eu acho que é ruim a infraestrutura como um todo, é ruim.”</i></p> <p><i>“Eu vou usar os Tablet, ao invés de eu falar pra eles pesquisarem em casa, vamos usar as aulas, só que daí os tablets estão pro simulado, pra prova Paulista, e eu não vou conseguir usar os tablets, eles estão disponíveis mas não estão. Eles estão na escola mas o governo...eles são cooptados pelo governo de volta, pra aplicar essas provas, essas coisas, entendeu? Então assim...é uma... tem mas não tem, tem mas não está disponível quando você precisa né. É difícil.”</i></p> <p><i>“A gente tá criando uma geração permissiva, porque essa falta de estrutura inclusive ela faz com que a gente fique no básico, e o básico muitas vezes é “ah deixa pra lá”, o aluno não vai fazer desse jeito, não</i></p>

	<p><i>vou forçar, não vou tentar convencer, vou fazer de outra forma, porque a estrutura não me deixa mesmo, não vou insistir.”</i></p> <p><i>“E isso é por conta da falta de estrutura, se tivesse agente de organização escolar no corredor poderia chamar pra me ajudar.”</i></p>
<p><b>C</b></p>	<p><i>“Dentro da escola eu nunca tive tantos apoios de parceria pra fazer coisas juntos, a não ser nesse último ano que vocês pegaram, aí a gente tava muito articuladinho, tinha outros professores, mas eu acho que isso também foi papel de alguns anos dentro da mesma escola também né, então demora pra você construir primeiro confiança entre os professores e a gestão, você também construir alguma confiança neles, apesar das discordâncias, e construir também essas parcerias.”</i></p> <p><i>“Olha, hoje em dia até que eu acho assim que a escola, enquanto instituição, se você pensar nos caminhos que ela faz, ela tem umas funções sociais importantes assim né”</i></p> <p><i>“[...] então tem uma função social muito importante de rede que deveria estar mais articulada, ela tá articulada com outros serviços sociais, mas que nem todo professor sabe e nem toda escola sabe fazer tão bem assim né”</i></p> <p><i>“Mas a estrutura escolar eu acho que é muito importante, ela tem essa função social muito importante assim. “</i></p> <p><i>“Pro professor eu acho que a infraestrutura ela mudou ao longo dos anos, houve uma mudança. Não acho que foi pra melhor na verdade, acho que é isso...a questão de funcionalismo público mesmo, de cargo, de progressão salarial, sempre só piorou né, eu entrei e já era ruim, aí foi só piorando.”</i></p> <p><i>“Quer dizer, as entrelinhas são o seu dia a dia né então, a falta de giz as vezes, as vezes é...sei lá, você não conseguir dar aula porque não tem uma cortina, que entra muita luz...ou você pedir uma coisa, não tem data-show, não tem cabo, então você tem que ter seu cabos, suas coisas...[...]”</i></p> <p><i>“[...] e aí é isso, uma escola, um sistema educativo que funcione de fato, que funcionasse de fato, que tivesse condições que os professores</i></p>

	<p><i>pudessem ser mais valorizados, tivessem mais tempo de preparo, tivessem mais tempo de estudar, que bairro que ele tá né, que família que ele trabalha, que uma família tivesse mais envolvida na escola de uma maneira...a vida familiar, e uma corresponsabilidade também dos familiares tivesse mais envolvidos, a gente tenderia a colher frutos muito bons né [...]</i></p> <p><i>“[...] eu sinto que a gente vai...a estrutura de uma escola é muito importante, não de uma escola né, mas do sistema educativo, do sistema educacional, se fosse valorizado a gente colheria muitos frutos bons.”</i></p> <p><i>“[...] a importância de um sistema educativo estruturado gera consequências na sociedade sim com certeza, e gera consequências no sentido de que você investe você vai ter lá na frente um investimento que vai valer a pena, vão ser pessoas mais reflexivas, mais autônomas, com uma saúde emotiva [...]</i></p>
<p><b>A</b></p>	<p><i>“Não via como gestão, eu via como igual, não sentia a hierarquia, ou também porque eu não aceito hierarquia...aí é um perfil meu, eu não aceito hierarquia. Acho que se você quer construir uma escola com hierarquia, já tá totalmente errada.”</i></p> <p><i>“Recurso tem, tá, tem tablet, tem computador pra todos os alunos, tem internet, tem Wi-Fi, tem livros didáticos, a apostila tá chegando...antes chegava muito atrasada, agora tá chegando em dia. Então recurso tem, recurso tecnológico. Até impressora 3D, tão cara, mas tem. Os alunos têm total acesso.”</i></p> <p><i>“Infraestrutura, escola hoje, tá sendo bem diferente do nosso tempo, sala maker, sala de itinerário, laboratório.”</i></p> <p><i>“Porque tem escolas que gostam muito de falar ah apostila, material, pede pra abrir o QR code e não tem material, a nossa tem. O que não tem é tempo. Quarenta e cinco minutos é muito pouco pra trabalhar o que é cobrado.”</i></p> <p><i>“Eu acho que o problema da educação não tá sendo a educação. Não tá sendo a escola, o órgão escola, não tá sendo o governo. Tá sendo família. Começa por aí. Eu acho que pra gente falar de educação,</i></p>

	<p><i>primeiro a gente tem que falar do alicerce. O que tá acontecendo com a nossa sociedade é que a gente não tem um alicerce. E o que vai repercutir? Tá saindo alunos que não tem sonhos, que não tem expectativas, que não sabem o porquê tá estudando.”</i></p> <p><i>“Acho que o problema da educação tá na sociedade que acha que o trabalho da escola é educar filho, acho que esse é o grande problema.”</i></p>
--	---

**Tabela 8.** Fala dos entrevistados sobre a romantização que encontram do trabalho docente e da educação. Categoria “Romantização”.

Romantização	
Entrevistados	Respostas
<b>B</b>	<p><i>“Que não. Pelo menos no meu círculo de amizade assim né. Pelo contrário, eles não romantizam, e por outro lado, tem uma imagem um pouco deturpada também né, como se fosse tudo ruim de fato, que também não é né.”</i></p> <p><i>“Nesse sentido eles romantizam né, eles achavam que a gente tava numa boa, fazendo nada pra receber, e eu tenho certeza que tem muita gente que acha que o professor devia estar lá por amor.”</i></p> <p><i>“Depois dessa instalação aí da nova carreira, o que eles tem mais vendido é que a nossa profissão tá assim, nossa 5 mil reais! A carreira dos 5 mil reais! E as escolas equipadas, e os equipamentos, e os tablets, internet pro professor! Nossa, é tudo que parece né, parece assim o melhor dos cenários possível, por que todo mundo não é professor?”</i></p>
<b>C</b>	<p><i>“Com certeza. ‘Ai, você é professor né, que bonitinho’, as tias né, ‘ai que bonitinho, professor’. Existe essa ideia romantizada, acho que não só na família, aqui por exemplo na rua eu sou o professor. Não tenho nome. Ninguém lembra do meu nome, eu sei o nome de todo mundo né, ‘oi professor”’.</i></p>

**A**

*“O que eu já ouvi que foi uma romantização...na vez que meu salário veio com erro. Trabalhava no noturno e no noturno recebia TCN né, que é um dinheiro extra. Não veio, não veio meu dinheiro e eu fui cobrar. E falaram assim "aí, mas você tem que trabalhar por amor". Sabe o que eu falei? Que eu trabalhava por dinheiro.”*

*“Mas aí tem aquelas pessoas julgarem, por exemplo vou falar com um colega. Aí porque eu dou aula. Você ama dar aula? Gosto. Mas você gostar da sua profissão é interessante, mas você tem que trabalhar por dinheiro né.”*

*“Olha, o que eles romantizam é a educação, eles tomaram como se a educação fosse algo simples.”*

*“Você criou um material, você deu um Tablet, você deu Internet, os alunos vão aprender. Então eles romantizam isso, eles acham que só as ferramentas é o suficiente, eles não entendem que o contexto familiar que esse aluno tá inserido influencia. Então eu sinto essa romantização.”*

*“Só que agora, eu não sei, porque você vê um discurso que não fala a verdade do professor. De sala de aula. Eles sempre falam de ferramenta, de recursos, que comprou isso, que reformou, que lançou material, o que não é mentira, só que eles não entendem o que tem por trás né, quem é o aluno mesmo. Acho que é essa parte que romantiza.”*